

LIBRARY
OF
PRINCETON UNIVERSITY



NOVAS
POESIAS

DE

B. GUIMARÃES

NOVA EDIÇÃO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

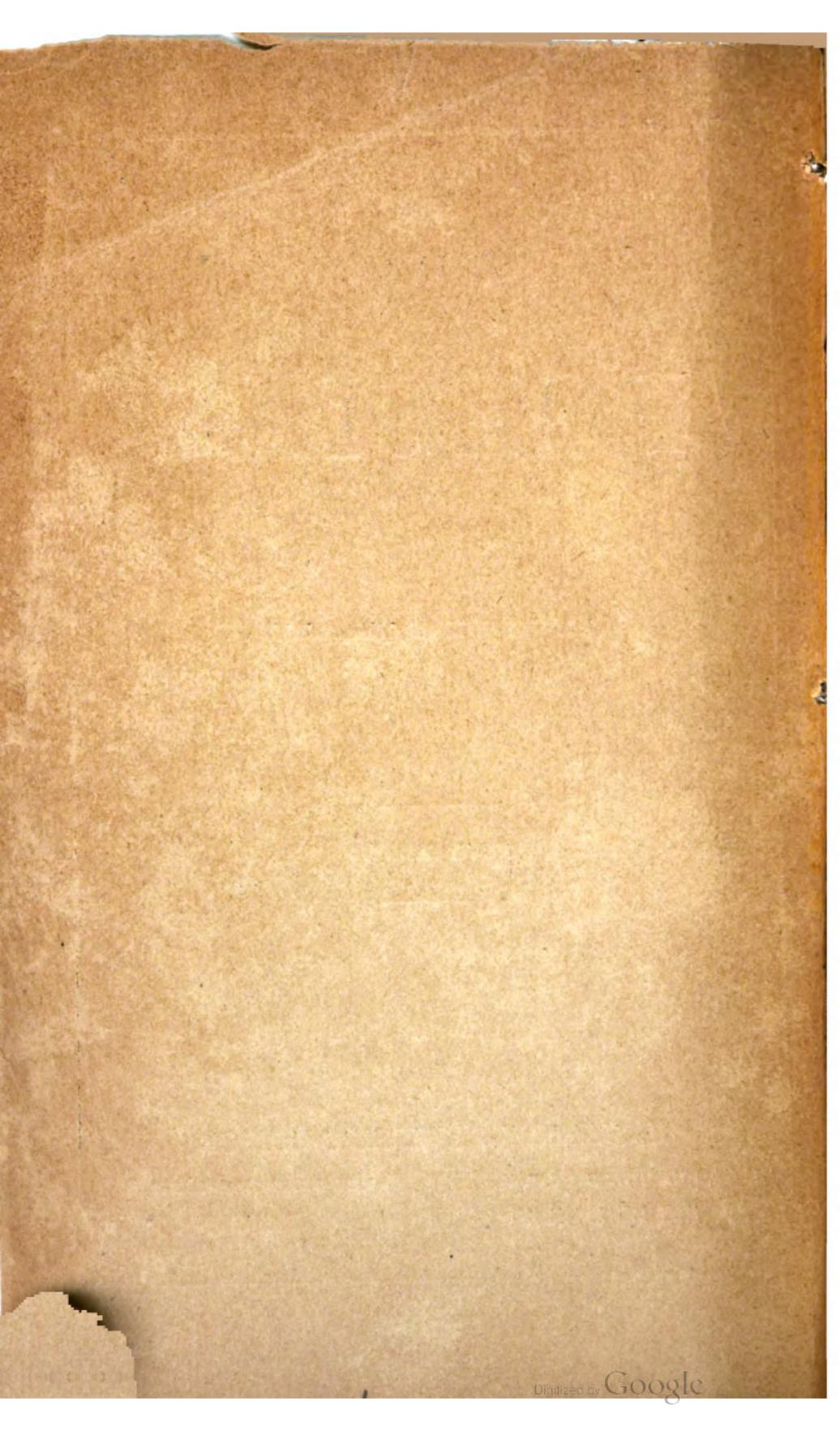
71-73, RUA MOREIRA CEZAR, 71-73

RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6

PARIZ





9772112

9772112

Moupin de Corde

NOVAS POESIAS

Ficção reservados todos os direitos de propriedade.

NOVAS POESIAS

DE

BERNARDO GUIMARÃES



RIO DE JANEIRO

B.-L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

65, Rua do Ouvidor, 65

PARIS

E. BELHATTE

PORTO

ERNESTO CHARDRON

1876

(RECAP)

3158
.39
.1876

Havre. — Imprenta A, LEMALE AINÉ. rua de Bapaume, 3.

PROLOGO

10-19-67-18-V
O nome do poeta, cujas novas producções hoje damos ao publico, é tão conhecido por todos aquelles, que dão culto ás lettras patrias, sua reputação se acha tão bem firmada, seus escriptos são sempre tão applaudidos e festejados, que publicando esta nova collecção de poesias suas, nos julgamos dispensados de recommenda-las ao publico.

Todavia nos é grato reproduzir aqui algumas das appreciações, com que a imprensa

tem acolhido as diversas produções do insigne poeta e romancista mineiro.

Dando noticia do apparecimento do *Indio Affonso*, que foi editado junctamente com uma peça de versos intitulada — *Canto Elegiaco á morte de Gonçalves Dias, a Reforma* exprime-se nos seguintes termos :

« Si ha um romancista e poeta que seja apreciado pelos seus contemporaneos com a mais justa razão, é sem duvida alguma o autor do *Seminarista* e de *Jupyra*; o publico disputa ancioso os volumes que de vez em quando nos dá o poeta mineiro.

« Bernardo Guimarães é uma das individualidades mais poderosas que possui presentemente a litteratura nacional : quasi todos os seus romances passam-se nas nossas provincias interiores; são as bellezas das mattas, a grandeza dos rios, o esplendor e a magnificencia da natureza, as virtudes das senhoras brasileiras, os habitos simples e honestos dos nossos roceiros, a vida silvestre no Brazil, que escolhe sempre para assumpto de seus romances.

« Não ha o menor artificio no que nos conta

Bernardo Guimarães, tudo n'este bello talento é original; até o estylo é especial. Não se prende sempre ás regras da grammatica e despreza muitas vezes os preceitos de Quintiliano; cuida mais do fundo que da forma, mas apesar d'isso tem realce o vulto litterario, que acaba de mimosear as lettras patrias com um romance que não é desconhecido dos leitores da *Reforma*.

« As poesias de Bernardo Guimarães respirão um tal perfume, teem tanta belleza, tanta imagem pomposa, um tal enthusiasmo por tudo quanto falla ao coração, e o bom gosto artistico, a harmonia a mais perfeita dominando constantemente a rima, suavidade e melodia as mais agradaveis, soando sempre aos ouvidos, que dão aos versos do bardo mineiro um cunho e relevo taes, que com certeza o elevão á altura maior a que jamais tenha attingido poeta algum nacional.

« A' *Reforma* coube a satisfação de apresentar ao publico as *Heroides*, onde se contão as façanhas dos bravos que em defesa da honra nacional immortalisarão o nome brasileiro na terra inhospita do feroz Guarany. Os feitos legendarios de Andrade Neves, Osorio, Menna Barreto, só podião ser cantados por uma lyra heroica como a de Bernardo Guimarães. Quem não se recorda d'aquella ode dedicada á memoria do immortal au-

tor dos *Tymbiras*, para cuja sepultura houve uma camara de deputados que recusou os meios de comprar uma singela lousa? Foi isto que indignou o bardo, que em versos tão bellos como melhores não os fez Garrett, contou aos seus contemporaneos aquelle procedimento indecente, bem como o fim desastroso do maior poeta brasileiro.

« Realmente hoje só Bernardo Guimarães poderia substituir o vacuo que nas letras patrias deixou o cantor das « palmeiras e do sabiá. »

« Os dous poetas tem muitos pontos de contacto: ambos grandes pelo genio que os inspira, admiradores fanaticos das magnificencias da terra em que nascerão, infelizes por não terem na patria a importancia a que teem direito pelo seu talento, um vive do mesquinho ordenado de professor de um lycêu em uma pequena cidade, o outro morreu ao avistar o verde das costas brazileiras em um immundo navio de vela, sem nenhum dos carinhos a que tinha direito. »

Tratando da mesma publicação uma elegante penna escrevia no *Monarchista* da cidade da Campanha o seguinte :

« Se o — Indio Affonso — nos deleita, o canto á

morte de Gonçalves Dias nos enleva e arreбата. E' a differença que vae do agradavel ao sublime. O canto eligiaco á morte de Gonçalves Dias é sublime.

« O romance é optimo, bom ou menos máo, mas não ha poesia mediocre. A poesia ou é sublime ou detestavel. Quando Homero deixa de ser sublime, é rasteiro, descorado e somnolento.

« *Quando que bonus dormitat Homerus.* — Hesiodo, o autor do poema — Os Trabalhos e os Dias — que não é poema senão no titulo, e que pertence ao genero de escrever mediocre, Hesiodo é um escriptor estimavel, porque sua obra não é propriamente poesia.

« *Datur ei palma in medio dicendi genere.* — Diz d'elle Quintiliano.

« Camões é grande quando inspirado por Adamastor, bello inspirado por Ignez de Castro, mas quasi sempre no seu itinerario, se não dorme, faz dormir.

« O Sr. B. Guimarães é sempre poeta, seus versos sempre poesia. Como todas as obras do autor, o canto elegiaco respira clareza e melodia, e não se ressentido d'esse esforço e obscuridade tão communs n'aquelles que, sem genio, não se contem *in medio dicendi genere.* — Tudo n'este canto é

corrente e suave, todos o entendem e á todos, commove.

« Reunir a sublimidade á simplicidade e á clareza só é dado ao genio poetico. Nem se diga — Poetas por poetas sejam lidos.

« As almas sensiveis são poetisas por natureza. A poesia está por toda parte, no canto das aves, nas ervas do campo, nas estrellas do céu e em todos os corações.

« O coração do homem é uma lyra, mas poucos sabem fazer vibrar as cordas do coração. Poeta é aquelle que commove a todos, e Orpheo commovia as proprias pedras.

« E' difficil fazer versos claros e bellos e os máos poetas escondem sempre sua fraqueza na obscuridade de phrases nebulosas.

« Observa Marmontel que os mais bellos versos parecem á quem os lê a cousa mais facil do mundo e entretanto ninguem os faz semelhantes. Parecem faceis porque calão em nossos espiritos e como que os fazemos nossos e os reproduzimos.

« O povo de Athenas entendia e applaudia Demosthenes, e Cicero abalava a plebe romana com a força de sua eloquencia.

« E á vista d'isto poder-se-ha dizer — Oradores por oradores sejam ouvidos ?

« O Sr. B. Guimarães é singelo como Gonzaga,

mas sua phrase é mais rica e mais lyrica. No canto elegiaco, á poesia de pensamento se reúne a poesia de linguagem.

« Gonçalves Dias victima de uma enfermidade incuravel,

Cruel doença as fontes lhe seccava
da debil existencia

« Volta á seu paiz sem esperanza de vida a

Ver a patria, e morrer beijando a terra,
Que os ossos de seus pais no seio encerra.

« Ao chegar ao Maranhão, ao avistar seu paiz natal, o navio em que vinha Gonçalves Dias naufraga.

« A pintura d'este naufragio é magnifica, e as imagens se encontrão por toda parte, como por exemplo — Mortalha de alva espuma.

« Só se aprecia esta poesia lendo-a. Mas ha ahi versos tão naturaes, tão felizes, que não se cansa de lê-los, como estes :

Mas ah ! se não me é dado ver-te mais,
Nem mais ouvir teu canto ;
Se mais não podes escutar meus ais,
Nem enchugar meu pranto.

Ah! se já sobre a terra está marcado
O termo de teu gyro,
Vem ao menos soltar, ó filho amado,
No seio meu teu ultimo suspiro.

« Uma reflexão ultima. B. Guimarães não partilha a sorte dos litteratos de nossa terra. Elle é o poeta dos estudantes de S. Paulo, e dos que forão estudantes. Sem estes, suas poesias nem seriam impressas.

« B. Guimarães não é poeta dos salões. Sua lyra não lhe tem valido nem honras, nem riquezas, e nem consta que os altos protectores das letras se tenham dignado baixar sobre elle seus olhos.

« Alguma nomeada elle a deve ao entusiasmo dos estudantes e á protecção do Sr. Garnier. O Maranhão se orgulha de possuir Gonçalves Dias, e a provincia de Minas deixa no olvido um seu poeta, á quem a posteridade ha de fazer justiça. »

A respeito das *Heroides* que publicou em folhetim, exprime-se a já citada *Reforma* pela seguinte maneira :

« Bernardo Guimarães, o illustre poeta dos *Contos da Solidão*, começa a publicar hoje em nossas columnas uma serie de inspirados canticos sob o

titulo de *Heroides Brasileiras*. Os bravos guerreiros que se immortalisarão no Paraguay vão ter um cantor digno de seus esforços marciaes e patrioticos.

• « Os versos de Bernardo Guimarães são sempre sublimes, quer o poeta cante na lyra dos amores, quer empunhe a tuba sonora e bellicosa.

« Os leitores da *Reforma* apreciarão devidamente este e os outros trabalhos do insigne poeta mineiro, e farão justiça aos esforços que empregamos para dar a maior importancia ao orgão democratico. »



ELEGIA

A meu amigo e sobrinho o Dr. Gabriel Caetano Guimarães Alvim por ocasião do fallecimento de sua esposa, D. Aurea Carolina de Andrade.

Hoje, que já do lucto se escoárão
As horas mais infaustas,
E da saudade o pranto vae secando
Nas palpebras exhaústas,

Agora, que talvez do céo benigno
Baixou-te ao coração
Essa, que é do infeliz refugio extremo
Triste resignação

Minha musa trajando entre suspiros
O crepe dos pezares
Ousa transpor o limiar tristonho
De teus luctuosos lares,

Mas não pretende te arrancar do peito
Da dôr o escuro véo ;
Consolação para tamanha angustia
Só pode vir do céu.

Da viuvêz o pranto é fel, é sangue
Suado entre torturas ;
Não ha no mundo encanto, que mitigue
Tão fundas amarguras.

Chora, — nem quero oppôr um dique ás lagrimas
Que pelas faces palidas te rolão ;
Chora, que as vezes nos tormentos d'alma
As lagrimas consolão.

Chora, mas deixa que na campa triste
Um distico de dôr agora engaste,
E desfolhe uma flôr sobre o jazigo
D'essa, que tanto amaste.

Flôr sem perfume, palida de morte,
Mirrada pelo sopro da saudade,
Que te offereço, apenas orvalhada
Do pranto da amisade.

.....
.....
Pelos teus aposentos merencorios
Sobre teus tectos a tristeza pouza ;
Ai ! que de magoas ! quanta vóz dorida
Chorando a mãe, a esposa ;

Esposa e mãe ! que tão suaves nomes !
Que fonte inexgotavel de venturas !
Que ineffavel thesouro de alegrias
Tão sanctas e tão puras !

E tudo isso um vendaval raivoso
N'um momento fatal arrebatou-te,
E de lucto cercando-te a existencia
Em solidão deixou-te.

Vede esse tronco secco fulminado
Pelo fogo do céu ; — alli outr'ora
Balanceava nitida folhagem
Aos zefiros da aurora.

Pelos seus ramos acordava a briza
Brando bolicio e doces rumorejos,
E o sabiá na sombra desprendia
Dulcisones harpejos.

Pelo tope florido se enleava
Viçosa trepadeira ; — o passarinho
N'esse ditoso perfumado abrigo
Vinha fazer seu ninho.

Em torno d'elle tudo era harmonia,
Tudoalli respirava amor, ventura ;
Era azilo de paz e de perfumes,
De sombras e frescura.

Mas em dia sinistro o raio ardente
Cáe sobre elle ; — queima-lhe a ramagem,
E deixa apenas do despido tronco
A merencoria imagem.

Não mais susurro, nem frescura amena ;
Nem ledos trinos de canoras aves ;
Não mais a briza a suspirar amores
Com fremitos suaves.

Não mais balança os resequidos galhos
Ao respirar da viração fagueira ;
Somente em horas de pavor vem n'elles
Piar ave agoureira.

O inutil tronco está cravado a terra,
Mas o tope sem viço e sem folhagem,
Como esqueleto, que da campa surge,
Ergue a funerea imagem.

Eis como vives; — estás prezo á terra,
Mas tua estrella em trevas occultou-se,
A grinalda de amor, que te cingia,
Na campa desfolhou-se.

O tufão do infortunio n'um momento
Da vida os horisontes te enluctou,
E a corôa de tuas esperanças
Da fronte te arrancou.

.....
.....

Ella ausentou-se bem como a andorinha
Antes de finda a estação das flores,
E entre chóros angelicos sumio-se
Do céu nos esplendores.

Sancta resignação no transe extremo
O espirito sereno lhe conforta;
E esse golpe, que a vida em flor lhe ceifa,
Tranquilla ella supporta.

Entre luzentes nuvens perfumadas
A ella vem baixando anjos do empyrio,
Que em torno lhe adejando, da agonia
Adoção-lhe o martyrio.

Sua alma de christã formosa e pura
Voar não teme ao seio de seu Deos ;
Mas o materno coração confrange-se
No doloroso adeos !

Adeos eterno aos candidos filhinhos,
Ao esposo, aos paes, á tão queridos entes !
Ah ! ninguem pode conceber a angustia
De magoas tão pungentes.

Da morte, que lhe estende os braços gelidos
No torvo aspecto nada vê, que assuste-a ;
Mas da saudade maternal não pode
Dissimular a angustia

Que importa, que entre canticos os anjos
Para guia-la ao céu sua alma esperem,
Se junto a si gemidos e soluços
O coração lhe ferem ?

Se em torno esparecendo os olhos turvos
Cruel tormento lhe laceira o peito,
Vendo os tenros filhinhos, que solução
Junto do infausto leito.

Ah ! são anjos tambem esses, que deixa
Sobre a terra chorando em orphandade ;
E a triste ao ve-los duas mortés soffre,
E morre de saudade.

Quantos laços de amor e de ventura
Despedaçados no fatal momento!
Nos tristes lares que porvir sombrio
De dôr e soffrimento!

Sua alma pura foí gozar no empyreo
A luz da aurora, que não tem occaso
E o fragil corpo quebra-se na campa
Bem como inutil vaso

Sim, — ella foi para os jardins eternos
Sobre as azas dos anjos adejando;
E os tenros filhos, — anjos da orphanidade,
Cá ficão soluçando.

E tu, misero esposo, eternamente
Da esposa chorarás a eterna ausencia;
Roubou-te o céu do coração metade
Metade da existencia.

Essa grinalda, que te perfumava
O lar ditoso, — tão viçosa e bella
Porque tão cêdo se mudou na campa
Em funebre capella?!....

Doces laços de amor, que só devieis
De prazeres nos dar suave fructo,
Ah! porque vos tornaes fonte perenne
De lagrimas e lucto?!...

Viuvez! orphandade! ai tristes crepes,
Com que de lucto o coração cobrimos,
Vós sois bem como lugubre mortalha,
Que em vida já vestimos.

13 de Fevereiro de 1869.



O MEU VALLE

A meu amigo Ovidio João Paulo de Andrade.

Inveni portum ; sors, et fortuna, valete!...

Ei-lo?.. é aqui o valle socegado,
Em que para meus dias foragidos
 Achei sereno asylo,
E nos erradios passos achei pouso
 Humilde, mas tranquillo.

Tu não verás aqui vastas campinas
Se estenderem té onde a vista alcança,
 Nem largos horisontes,
Que vão perder-se nos remotos píncaros
 Dos azulados montes.

Nem dos topes dos serros alterosos
Turbulentas cascatas se despenhão
 Em brancas espadanas;
Ou em brilhantes perspectivas surdem
 Palacios e choupanas.

Em limpidas lagôas não se espelha
O ceo azul, nem nadão niveas garças
 Nem velhos arvoredos
Em aléas se estendem susurrando
 Ao longo dos vargedos.

Por entre o borbotar de frescas fontes
A cada passo aqui não brotão rosas,
 Nem lyrios e assucenas;
Nem phantasticos passaros meneão
 As deslumbrantes pennas.

Nem pelos valles em festivos dias
Verás gentis pastoras entre os myrtos
 Tecendo alegres danças;
Nem pegureiro descantando á sombra
 De amor doces lembranças.

Mas n'este socegado, estreito valle
A ventura encontrei, por que minh'alma
 Suspira á muito em vão;

Achei minhas perdidas esperanças.
E a paz do coração.

Aqui minha alma expande-se tranquilla ;
Aqui auras de amor e de ventura
A fronte me bafejão ;
E alem d'estes outeiros, que me cercão,
Meus votos não adejão.

Como a andorinha, que seu ninho esconde
Entre os muros da torre derrocada
Na mais occulta fenda,
Assim eu vim, no seio das montanhas
Pousar a minha tenda.

N'um canto retrahido da vallada
Tenho entre verdes moitas sombra amiga
Em chão de fresca relva ;
Pela encosta d'alem ondeia a coma
De verdenegra selva.

Todas as tardes, na estação de amores,
Um velho sabiá, que é d'estes sitios
Alado Anacreonte.
Os seus pousados trinos cadenceia
Pousado alli defronte.

Alem, por essa aberta dos outeiros
Foge-me a vista livre a espairecer-se
 Por longes nebulosos,
Onde campeão d'altas serranias
 Os pincaros rugosos.

E quando agosto vem nos horisontes
Desdobrando com mão mysteriosa
 Diaphanas cortinas,
Velando a luz do sol, que esbate frouxa
 Por montes e campinas ;

Quando a brisa a ramagem sacudindo
De vicejante arbusto entorna flores
 Na desbotada grama,
E um perfume de magica doçura
 Nos ares se derrama ;

E o sabiá n'estas saudosas tardes
Seus mais sentidos, languidos accents
 Modula com ternura,
E mal murmura o corrego do valle
 Das sombras na espessura ;

Então minha alma scisma docemente ;
Então eu cuido ouvir a vóz de um anjo
 Fallar-me ao coração,

E sobre a minha fronte vir baixando
Celeste inspiração.

E do alaúde tenteando as cordas
Foge-me d'alma uma canção singela,
Como ao passar da aragem
Susurra pela copa do arvoredado
A tremula folhagem.

E alguém me escuta ; alguém segue meus passos
Nas sendas solitarias de meu ermo,
Como o anjo de Tobias ;
E a meu lado comparte da existencia
As dores e alegrias.

Um quieto valle, um horisonte aberto,
Meu amor, minha Ivra, eis os encantos
De minha solidão ;
E é quanto basta p'ra doirar-me a vida,
E encher-me o coração.

D'estes vergeis á sombra vim sentar-me,
O cançado bordão de peregrino
Larguei no pó da estrada,
E enchuguei o suor, que me escorria
Da fronte trespvairada.

A vida é curta, é sonho de um momento
Se é assim, busquemos sonhar sempre
O sonho da ventura,
Pois nem males sonhar nos será dado
Dentro da sepultura.

Adeos, Ovidio ;—o dia desfallece,
O sol se atufa entre vermelhas nuvens,
Do occaso no esplendor.
E o sabiá, que canta ali defronte,
Me faz scismar de amor.

Agosto de 1869.



O BRIGADEIRO ANDRADE NEVES

BARAO DO TRIUMPHO

ODE

Que lidador é esse, altivo e forte
Qual novo Gedeão,
Que na ponta da lança leva a morte,
O horror, a confusão,
A's consternadas, inimigas hordas
Do Paraguay pelas sangrentas bordas?

Ei-lo que avulta nas guerreiras lides
Intrepido, incançavel
O brasileiro Alcides ;
Aos botes de sua lança formidavel
As hostes inimigas
Cahem bem como espigas
Aos golpes do ceifeiro infatigavel.

2.

Seu cavallo é veloz como o tufão ;
E prompto como o raio
Seu braço leva ao campo paraguayo
Morte e destruição.

Onde o valente passa,
A' frente da phalange gloriosa,
E' bem como borrasca impetuosa,
Que tudo arrasa, tudo despedaça.

Ao tropel dos ginotes alterosos
Como um trovão longinquo o solo freme,
E aos echos temerosos
O inimigo de susto enfia e treme.

Elles passão qual nuvem tormentosa,
Que rijo vento impelle ;
Não ha mão, nem barreira poderosa,
Que a carreira veloz lhes arrepelle.

Nem bombas, nem metralhas,
Fossos, reductos, nem despenhadeiros,
Nem todo o horror de rispidas batalhas,
Nem trahidores esteiros
Podem conter seu denodado arrojo,
Que os valentes, briosos cavalleiros,
Tudo ante si levando vão de rojo.

E quem é esse heroe de altivo porte,
Que phalanges de heroes conduz a gloria,
E que assoberbando a propria morte
Lhes ensina o caminho da victoria?

Guerreiro o crereis no verdor dos annos
Que inda nas veias sente
Pulsar da juventude o fogo ardente :
Através dos perigos mais insanos
Tão fervido se atira,
Tanto denodo o peito seu respira.

Mas não : — é branca a barba, e já de neve
Tingio-lhe o tempo a fronte veneranda ;
E' velho, sim, mas sua dextra é leve,
E cheia de pujança
Ao longe a morte manda,
Quando sopeza a formidavel lança.

A branca barba longa idade attesta,
Mas de seus feitos é mais longa a historia ;
E cada ruga, que lhe sulca a testa,
Marca um trophéo de gloria

.....
.....

E's tu, Neves invicto,
Que, á frente de teus bravos
Te arrojas no mais forte do conflicto.
E de Lopez os miseros escravos
Cutilas, estrafegas,
Em porfiadas, rispidas refegas.

De Itapirú as Lomas Valentinas,
Por toda a parte onde a peleja ferve,
Teu forte braço, sem que a idade o enerve
Vai semeando estragos e ruinas.

Tua dextra um momento não descança,
Desde que viste tua patria amada
Por barbaros vizinhos ultrajada,
E co'a ponta de tua invicta lança
Por toda a parte, valeroso Neves,
Com sangue do inimigo o nome escreves.

Amor da patria e gloria só te anima;
Teu peito desconhece
Calculos vis de sordido interesse;
Honras, riquezas tem em pouca estima,
E outro galardão mais não pretendes,
Do que vingar a patria que defendes.

Teu generoso coração abriga
Virtude heroica, altivos sentimentos,
Dignos de Roma a antiga,
E á que a Grecia erguera monumentos.

Mas a tantas fadigas gloriosas
Succumbe o corpo enfermo ;
E á serie de proesas assombrosas
A morte impoz um termo.

Dorme, ó guerreiro, dorme o eterno somno
A' sombra de teus louros,
E do bardo a canção teu nome envie
Aos seculos vindouros.

Dorme : deixaste ao mundo exemplo nobre
De esforço e lealdade ;
Um dos mais bellos, mais illustres nomes
Dás á posteridade :

Descança : esse teu braço infatigavel
Só pode achar repouso
N'esse leito em que a morte nos prepara
O sempiterno pouso.

Já de tuas proesas gloriosas
Está completa a historia ;
Viveste sempre, encaneceste, e morres
Nos braços da victoria.

Paz aos manes do inclyto guerreiro !
Honra á sua memoria !
Junto ao seu monumento funerario
Está velando a gloria.

Dorme, velho guerreiro, o somno eterno
A' sombra de teus louros ;
E do bardo a canção teu nome envie
Aos seculos vindouros.



A SCISMADORA

Seductora moreninha,
Que á tardinha
Vens pousar n'essa janella,
Em que scismas tão calada,
Debruçada.
Com a mão na face bella ?...

Os raios do sol poente
Docemente
Beijão-te a fronte mimosa :
E em teus sonhos engolfada
Descuidada
Nem sabes quanto és formosa.

O cabelo em longos fios
Luzidios
Pelos hombros te serpeia :
E os contornos do semblante
Deslumbrante
De leves sombras ondeia.

E quando assim appareces,
Me pareces
A estrella crepuscular,
Entre nuvens escoando
Clarão brando,
Que de amor nos faz scismar.

Quando scismas á tardinha
Tão sosinha,
O que ves lá no horisonte ?
O que assim teus olhos prende,
E te pende
A donosa e pura fronte ?

Acaso na flor da idade
Da saudade
Sentes já o agro pungir ?
Ou nos sonhos de creança
Da esperança
Vês a estrella reluzir ?.

Que sopro te verga o collo
Para o solo,
Flôr apenas entre-aberta,
E faz pelos horisontes,
Sobre os montes,
Vaguear-te a vista incerta ?

De algum anjo, teu irmão,
A canção
Estás ouvindo nos céos ?
Ou do éden as campinas
Descortinas
Da tarde por entre os véos ?

Do primeiro amor no enleio
Já teu seio
Acaso sentes arfar ?...
E soffres n'alma o imperio
De um mysterio
Que não sabes decifrar ?

Ah ! se n'essa scisma vaga,
Que te afaga,
Minha imagem perpassasse. ...
Se no pobre bardo amante
Um instante
Tua idéa repousasse...

Se a mim fora reservado
Pelo fado
Levantar o casto véo,
E de amor as chamas puras,
E as venturas
Relevar-te, anjo do céu...

Mas não ;— em tal não pensemos,
E deixemos
O anjo envolto em seus sonhos ;
São leves nuvens, que paixão,
Que esvoação
Em seus ceos sempre risonhos.

São da innocencia a fragancia,
Que na infancia
D'alma pura se evapóra ;
Aroma, que pelos valles
Verte o calix
Do lyrio ao raiar da aurora.

Sim, deixemos a alma bella
Da donzella
Em seus sonhos embebida ;
E' perfume da existencia,
Pura essencia,
Que embalsama o albor da vida.

Tambem a rola innocente,
Quando sente
A noite que se avisinha,
Arqueia o collo plumoso,
E em repouso
N'aza esconde a cabecinha.

Agosto de 1869.



A' MORTE
DE
THEOPHILO B. OTTONI

Escutai !... Não ouvis entre soluços
Com medonho estridor da morte as azas
 Rugindo pelo espaço ;
E o som de um baque, que rebôa ao longe
 Com lugubre fracasso?...

Lá desabou columna veneranda
Que largos annos escorára o templo
 Da augusta liberdade!
Apagou-se o pharól, que os atrios sanctos
 Encheu de claridade!...

Quando ao passar o carro das tormentas,
Pela furia dos ventos abalado
 O cedro altivo tomba,
Na profundez das selvas um bramido
 Horrisono ribomba ;

Soltão as brenhas lugubres sussurros,
Pavidos echos nas profundas grôtas
 Por longo tempo estrugem,
E com sinistros brados lamentosos
 Ao longe os montes rugem.

Um murmurio de dor, de angustia immensa
Rompe de ao pé de um funubre ataude,
 E ao longe se propaga,
E entre soluços a luctuosa nova
 Vôa de plaga em plaga.

Morreu Ottoni!... aquelle facho ardente,
Que através de perigos e tormentas
 O povo conduzio,
N'um momento fatal da morte ao sopro
 Em trevas se sumio.

Já não existe o lidador valente,
Que largo tempo as sanctas liberdades
 Da patria defendeo,
Dos illustres soldados do progresso
 O egregio coripheo.

Cahio emfim esse, que vimos sempre
Dos livres o estandarte desfraldando
 Ante o povo opprimido;
Perdeu da liberdade a sancta causa
 O apostolo querido.

Ai! era cedo ainda; a patria afflicta,
Entre cachópos e perigos grandes
 Vacilla e luta incerta;
Contre os filhos do erro e do regresso
 A liça ainda está aberta.

Ainda escuros surdem os caminhos
Ao homens do porvir; inda estão cheios
 De dor e de provança.
Timido ainda bruxuleia ao longe
 O pharol da esperanza.

Esse povo leal, que elle guiava
Atravéz dos desertos, inda a terra
 Não vio da promissão,
Ainda fulge longe de seus olhos
 A luz da redempção.

Sim, era cedo: — ainda de seus labios
Em torrentes de férvida eloquencia
 Jorrava a sã verdade,
E por elles fallava sem rebuço
 A voz da liberdade.

Oh! era cedo! — na altaneira fronte
De puras, nobles crenças inda inteiro
 Ardia o fogo sancto,
E vigoroso o coração pulsava,
 Que a patria^{ra} amava tanto.

E elle era do povo o filho amado,
E pelo povo a sanha dos tyranos
Intrepido affrontava,
Profeta ardente, que da liberdade
As sendas preparava.

Como a Izaias nas remotas éras,
O anjo do Senhor com braza viva
Os labios lhe tocou,
E da patria no amor nobre e sublime
O peito lhe abraçou.

De Washington alumno, nunca humilde
Foi mendigar nem honras, nem favores
Aos pés do regio solio;
Do laurel popular cingida a fronte
Alçou no capitolio,

Para servir a patria e a liberdade,
Jamais cançou das lides gloriosas
No generoso affan;
Era sua vóz electrica scentelha,
Seu nome um talisman.

Morreste, Ottoni; — mas tua sombra augusta
Pairar eu vejo ainda no horisonte,
Que de esplendor se veste,
E nos ceos desfraldar de nossas crenças
O lábaro celeste.

Morreste; — mas ainda o verbo ardente
Do tribuno inspirado entre nós trôa;
Do seio d'essa tumba
Como um brado, que irá transpondo os seculos,
Tua voz inda retumba.

Morreste, sim; — porem bem como outr'ora
Resurgião os mortos ao contacto
Dos ossos de Elizeo,
Da liberdade o amor resurge e vive
Ottoni, ao nome teo.

Ouro Preto, 1 de novembro de 1869.



NENIA

*Offerecida a Ex^{ma} S^{ra} D. Maria da Conceição Soares
Ferreira, esposa do capitão Soares Ferreira, morto
em Lomas Valentinas.*

E' justo o pranto que te inunda as faces!
Bem sei, senhora, a viuvez é triste,
E' triste como a morte.
Ai d'aquella que vio em flor cortada
A vida do consorte!

Viuva e moça! que painel sombrio!
E's qual pallido goivo debruçado
Sobre uma sepultura;
Linda estatua da dôr pousada á margem
De uma vereda escura.

As galas da ventura e da esperança
Que um momento trajaste, se trocaram
Em funebre sudario!

E o véo de esposa cedo converteu-se
Em crepe mortuario!

Sim, tu viste sumir-se em negra sombra,
Tua aurora de amor; fugir-te aos braços
O infortunado esposo,
E em feretro horrendo transformar-se
O thalamo ditoso!

O sol da patria, á paz do lar saudoso,
Um risonho presente que escoava
No seio da bonança,
Um porvir de venturas embalado
Nos braços da esperança;

Beijos de amor, abraços de ternura,
E o thalamo feliz onde inda ha pouco
A esposa meiga e bella
Desatara da fronte pudibunda
A virginal capella,

Tudo elle deixa, tudo troca affeito
Pela dura tarimba do soldado
Em longe, estranha terra,
Pelos perigos e asperas fadigas
De encarniçada guerra.

Que cruel sacrificio!... que tortura
Imposta a um coração!... porém a patria,
A patria o braço implora
De seus heróes, e cumpre ao seu reclamo
Voar e sem demora.

A patria soffre; a meiga esposa em pranto
Dete-lo em vão procura entre carinhos,
Em seus mimosos braços;
Vai batalhar, — aos beijos furta a face,
Arranca-se aos abraços.

Ai! viste tudo isso, e dor pungente
Em teu sensível coração cravou-se
Qual venenoso harpão,
Mais cruel do que a lança, que varára
Do esposo o coração.

Ebrio de gloria e de patriotismo
Eil-o do leito nupcial se arroja
Aos campos do combate,
Por onde ao lidador a extrema hora
A cada instante bate.

Presto apparece na sangrenta liça ;
No mais acceso da revolta briga
Não sabe o que é perigo ;
E em cem combates tinge a heroica espada
Em sangue do inimigo.

Garboso e denodado avança e rompe
Selvas de lanças, chuvas de metralha
Incolume.... mas ai !
Sua hora soou.... ao ferro imigo
Eil-o succumbe e cahe !...

Eil-o estendido no sangrento campo !...
Eil-o o valente repoussando ao lado
De seus irmãos de gloria,
No extremo transe ouvindo o restrugido
Dos hymnos da victoria.

Victoria !—suspirou, e com seu sangue
Regava os louros immortaes colhidos
Em Lomas Valentinas.
Victoria !—foi o echo derradeiro
Que o ouviu n'essas campinas.

Elle cahe, mas volvendo os olhos turvos
No baluarte inimigo vê plantada
A nacional bandeira,
Morre, e em seus braços a victoria o toma
Na hora derradeira.

Digna de inveja foi tão bella morte !...
A heroica frente a gloria lhe circumda
De funeraria rama,
E a patria agradecida entre seus bravos
O nome seu proclama.

Ah! não mais recordeis o triste transe,
Nem taes scenas de horror ; tudo acabou-se
Mas não d'elle a memoria,
Sobre a campa do bravo eternamente
Resplende o sol da gloria.

Basta de pranto. Teus formosos olhos
Já de orvalho saudoso ássaz regarão
Os louros do guérreiro ;
Nem mais turbemos com funereo canto
Seu somno derradeiro.

Em vez de macerar as lindas faces
Com lagrimas de dôr, repete ufana
Do caro esposo o nome,
Esse nome que a patria não esquece,
Que o tempo não consome !

Ouro Petro 1869.



GENTIL SOPHIA

(BALLADA)

- « Fia já minha Sophia,
Fia
- » Emquanto eu faço esta ceia,
Eia !
- » Estás hoje com tamanha
Manha,
- » Que não sahes d'essa janella ;
N'ella
- » Queres ver os estudantes
Antes
- » Do que acabar depressa
Essa
- » Tarefa, que ahi fica á banda,
Anda !...

- » Pega já no teu serviço ;
 Isso !...
» Antes que as ventas te esbarre !.
 Arre ! »...

Tal a velha moxibenta
 Benta
Os seus ralhos redobrava
 Brava,
Emquanto a gentil Sophia
 Fia.
A coitada da netinha
 Tinha
Em seu peito bem occultos
 Cultos,
Que a ninguem revelava ;
 Lava
Que o seu peito todo inflama ;
 Flama
Que a, trazia em mil apuros
 Puros,
E abrindo sem receio
 Seio,
Que reconhece os ardis,
 Diz :

« Perdão minha avó materna
 Terna,

- » Se eu para meu repouso
Ouso
- » Abrir de meu coração
São
- » Os occultos escaninhos,
Ninhos
- » Em que amores eternos
Ternos
- » Os cuidados que me aturdem
Urдем.»

A'isto a velha casmurra
Urра,
E com voz endiabrada
Brada :

- « Dissestes em palavras poucas
Oucas,
- » Quanta asneira ha n'este immundo
Mundo.
- » Menina, tão feias cousas
Ousas,
- » Declarar a tua avó?
Oh !
- » Se acaso de amor as chammas
Amas,
- » Vai buscar n'outros lugares
Ares,

» Que eu não ouvirei jamais

Ais

» De menina apaixonada

Nada ! »

Mas Sophia lhe responde:

«Onde

» Quereis agora que eu vá?...

Ah!

» Minha avó por piedade

Ha de

» Escutar-me alguns instantes

Antes

» De me lançar para fora:

Ora

» O que a amar me levou

Vou

» Contar lavando esta louça;

Ouçã....

» Vi um dia um moço lindo

Indo

» A' passar n'esta janélla;

N'ella

» Pregava um olhar inquieto

Quieto;

» Na guitarra um som vibrando

Brando

- » De amor cantou-me diversos
Versos.
- » Sua voz que tanto encanta,
Canta
- » E diz com lindo reclamo
Amo !
- » Em meu peito essa palavra
Lavra,
- » E esta alma, que não socéga ;
Céga.
- » Depois n'esta sua escrava
Crava
- » Um olhar, de que morri ;
Ri,
- » E me diz—Eu serei teu
Eu !
- » Serei tua : — lhe respondo
Pondo
- » A mão sobre coração
São.
- » E chegou-se muito esperto
Perto,
- » E com toda a garridice
Disse :
- » Tu és como a primorosa
Rosa
- » Posta em vaso de alabastro ;
Astro,

- » Que me allumia o presente ;
Ente
- » Que eu mais preso e mais anhelô :
Élo
- » De uma prisão suave ;
Ave
- » Que me canta mil devinos
Hymnos,
- » Anjo, que traz-me em delirio ;
Lyrio,
- » Cujo seio puro extreme
Treme,
- » Se a brisa dá-lhes sobejos
Beijos.
- » Em torturas violentas
Lentas
- » Antes eu n'uma masmorra
Morra,
- » Do que ver quebrar os bellos
Élos
- » Do grilhão que amor prepara
Para
- » Nossa união sempiterna
Terna. »

A velha responde assim :

« Sim !

- » Bem conheço esse insolente
Ente,
- » Que insuflou-te tamanhas
Manhas,
- » Eu acho no tal sujeito
Geito,
- » De quem nem um só vintem
Tem.
- » Como homem que não se emprega
Prega
- » Muita peta aos innocentes
Entes.
- » Tu estás muito enganada....
Nada
- » Para casar é preciso
Ciso....
- » Olha que aquelle demente
Mente,
- » E para que te sedusa
Usa
- » D'esses meios e promessas ;
Essas
- » Elle nunca as cumprirá
Ah !...
- » Se eu o pilho a vontade
Ha de
- » Soltar a poder de murros
Urros !...

» Ah ! tratante !... Velhacão !...
Cão !... »

A menina irresoluta
Luta
Em mil angustias mortaes,
Taes,
Que ião quasi suffoca-la !
Calla,
Mas enfim volta-lhe o alento
Lento,
E com a voz alquebrada
Brada :

» Minha avó, não vos zangueis :
Eis,
» Como o caso succedeu :
Eu
» Já casei com esse innocente
Ente
» A quem votaes tão serodio
Odío,
» A' elle, a quem agradei,
Dei
» O que mais uma donzella
Zela,
» Seu amor, sua fé constante
Ante

- » Vosso visinho compadre
Padre ;
» Elle possue de antemão
Mão
» Que a muito tua netinha
Tinha
» Ao esposo bãm fadado / C
Dado. »

Eis que a velha vocifera
Féra,
E de uma ferradura
Dura
Que o acaso alli mostrava
Trava,
E a menina desditosa
Tosa...
A netinha em gritaria
Ia
Pelos cantos obliquando
Quando
Vendo aberta uma janella
N'ella
Procurando uma escapula
Pula,
E pela rua se vai!
« Ai !

» Tenho a cabeça quebrada
Brada,
» E para pedir soccorro
Corro. »

Nisto o visinho compadre
Padre,
Bom pastor de vida obscura,
Cura,
Que com sua salva guarda
Guarda
Das almas o socegado
Gado
Ouvindo os descommunaes
Ais,
Que a donzella que o acordava
Dava,
Da cama pula de um salto
Alto,
E á quem d'elle se soccorre
Corre ;
E diz á velha casmurra :

« Urrah !

» Perdão se eu sem estorvo
Torvo
• Pela sua casa a dentro
Entro,

- » O' meu Deos! que de escarcéos
Céos!
- » Que hoje o mundo vem abaixo
Acho!...
- » Esta casa já tão tarde
Arde
- » Entre mil endiabrados
Brados!...
- » Comadre, quem muito berra
Erra,
- » E quem muito se arreganha
Ganha
- » Com tamanha matinada
Nada,
- » Vossa netinha innocente
Sente
- » Dentro d'alma uns arrepios
Pios
- » Por um rapaz que a merece.
Esse,
- » Pelos laços do hymeneo
Eu
- » Já uní á sua amante
Ante
- » O altar do Omnipotente
Ente.
- » Un do outro sem remissão
São.

» E não ser isto chimera
Mera
» Eu mesmo, que os enlacei,
Sei.»

Do padre a falla singela
Gela
As furias da moxibenta
Benta,
E a ferrenha catadura
Dura
Em um instante quedou-se
Doce,
E todo aquelle serodio
Odio.
Qual palha aos golpes da foice,
Foi-se
Emquanto a pobre netinha
Tinha
Nos olhos cheios de magoa
Agoa,
Lhe diz a vovó materna
Terna :

« Já que, como tu podeste,
Déste
» Tua mão a esse innocente
Ente,

» Tambem dentro d'esta casa
Casa,
» Que eu darei a teu esposo
Poŕso. »



A CAMPANHA DO PARAGUAY

(HEROIDES BRAZILEIRAS)

I

INVOCAÇÃO

O' musa, deixa do vergel sombrio
O asylo perfumoso;
Cerra o ouvido ao suave murmurio
Do arroio suspiroso.
Pendura ao ramo a lyra maviosa,
Em que cantas ao céu da solidão
No remanso da sombra delectosa
Sonhos do coração.

Além,— não ouves? o leão da guerra
Ruge, e sacode a ensanguentada juba;
Se o fragor das batalhas não te aterra,
Se podes tanto, emboca a heroica tuba,

E em valentes, altisonos clangores
Da guerra canta as glorias e os horrores.

Vamos além,— as vagas açoutadas
De rabidos pampeiros
Cortando affoita em rapidas jornadas,
Vamos do sul aos plainos derradeiros.

Entremos pela foz do immenso rio,
Que o ribombo escutou de cem batalhas,
Inda de sangue tinto, inda sombrio
Do fumo das metralhas :
D'esse rio, que em fogo ennovellado,
Reflectindo clarões sanguinolentos
Vomitou no oceano horrorisado
Cadaveres aos centos.

Por essas margens onde quer que passes,
Que de ruinas ! que de sangue e luto !
Do orphão, da viuva inda nas faces
Não está o pranto enxuto.
Ainda no barranco escalavrado
De ardente bombardeio
O rio lambe o sangue derramado.
Nos paramos infestos
Inda dos charcos putridos em meio
Devora o corvo os asquerosos restos
Do festim, que dos povos a vingança
Lhe preparou nos campos da matança.

—
Vamos;— não temas transviar-te, oh ! musa ;
Armas quebradas, corpos espargidos
Aqui e além pela floresta escusa,
Rotas trincheiras, fortes derruidos,
Montes de ossadas, poças de sangueira
Nos guiarão ao termo da carreira.
Trophéos sanguinolentos, que recordão
Os nomes de uma pleyade de heróes,
Que mil proesas na memoria accordão,
Serão nossos pharóes.

Alli se pelejou lucta gigante
Em fervidas batalhas ;
Alli dos nossos o valor pujante
Fossos rompeu, tranqueiras e muralhas,
E no proprio covil duro castigo
Foi fulminar ao perfido inimigo.

Vindicaram-se alli da espada aos fios,
Ao ronco dos canhões,
De tres nações os ultrajados brios :
—Nobre desforra dos mais vis baldões !

Por esse longo esteiro sanguinoso
Que ampla ceifa de louros ! que victorias !
Que estadio luminoso
Tropel de heróes abriu ás patrias glorias !

Que nomes immortaes !... Riachuelo,
Sepultura da armada paraguaya ;
Humaitá, o horrivel pesadelo,
Perante o qual todo o valor desmaia ;
 Cuevas, Itapirú,
E as alagadas, perfidas campinas,
 Que cingem Curuzú,
Itororó e Lomas Valentinas,
São paginas de luz em nossa historia,
 São brilhantes fanaes,
Em que resplendem da brazilia gloria
 Reflexos immortaes.

Sauda, ó musa, os sitios afamados,
 Que viram taes portentos,
E da guerra aos heroes assignalados
Um hymno entôa em masculos accentos.
Eia ! com tuas mãos immaculadas,
Corôas tece aos filhos da victoria
De louros e perpetuas entrançadas,
 E no festim da gloria
Dá-lhes assento entre os mais altos vultos.
Que alcançarão no mundo eternos cultos.

Canta os heróes ;—do bardo é grato o canto
 Ao coração do bravo,
 Bem como roto favo,
Que mel em fio escorre ;—mago encanto,

Que ao lidador a fronte desenruga,
Em quanto o sangue do montante enxuga.

Da lyra o canto, que consagra a fama
De illustres lidadores,
E aos seculos proclama
Os nomes seus da gloria entre os fulgores,
De um povo inteiro o culto respeitoso,
Apotheose, que lhes sagra em vida
Do peito no sacrario generoso
A patria agradecida,
Dos bravos eis o nobre galardão,
E nem por al lhes bate o coração.

Longe de nós os titulos balofos,
Vistasas fitas, nitidos pendentés !
Esse falso ouropel de brasões fofos
Não tem valor aos olhos dos valentes
Bofé, que não são mais que torpe engodo,
Que nos arrasta á podridão do lodo.

Deixae, que dos heroes fuljam na historia,
Puros os nomes de appellidos vãos,
Que só podem dar lustre á vida ingloria
De fôfos cortezãos.

De enfeites pueris limpo appareça,
Livre respire o peito do guerreiro,
Jamais dobre a cabeça
Da corrupção ao jugo lisongeiro,

Que o premio no vil peito do covarde
Tambem verás brilhar ou cedo ou tarde.

Fundo golpe, que abriu atroz metralha,
Ou lança aguda em preito encarniçado,
Eis o brasão do heróe, eis a medalha,
Que assenta mais no peito do soldado.

O povo inteiro bem vos sabe o nome,
Do Paraguay altivos vencedores ;
Dos feitos vossos o gentil renome
Não precisa dos pallidos fulgores
De frivola honraria,
Que brasões tendes de maior valia.

Adornos vãos de estolida vaidade
Não conhece da historia a musa austera,
Que o livro escreve da posteridade,
E nos dominios do porvir impera.
Para a frente de seus heróes queridos
Só tem louros singelos
Por suas proprias mãos entretecidos ;
Esses da gloria os fulgidos emblemas,
Que têm maior valor, que são mais bellos
Que os regios diademas.

Mas ai ! . . d'essas corôas invejadas
Quantas já vão de funebre cypreste
Tristemente enramadas !

Quantos lá jazem na campanha agreste
—Desamparados sobre a terra núa,—
A quem aguda lança ou bala ardente
—Tão longe da querida patria sua! —
Lá deixaram dormindo eternamente!

Mas se acaso não póde a patria em pranto
Seus restos recolher em urnas de ouro,
Ergue-lhes, musa, em sonoro canto
Padrão mais duradouro,
E os nomes seus e os louros gloriosos
Regados pelo pranto da saudade
Brilhando chegarão sempre viçosos
A'mais remota idade.

Eis, ó musa, a missão, que te confia
Da patria o amor sagrado ;
Elle te inspire sonoro brado
De mascula harmonia ;
Elle me alente n'este nobre empenho,
Digno por certo de mais alto engenho.

II

LOPEZ E HUMAITA

No seio lá do paraguay solo
Sanhudo leopardo se aninhava,
Com a pata feroz calcando o collo
De uma nação escrava.

Com torvo olhar a malfadada gente
Cioso guarda, — pavorosa esphinge;
Todos os dias o faminto dente
Em sangue humano tinge.

Do cacique na lobrega espelunca
Do despotismo a furibunda harpia,
Feroz desconfiança a garra adunca
Amola noite e dia.

De seus escravos a caterva muda
Somente ao nome seu descora e súa;
E de joelhos tremula sauda
Té mesmo a sombra sua.

Sem nunca descançar sanguenta furia
Ao cutello do algoz afia o córte;
Vela incessante na sombria curia
Por sentinella a morte.

Folga nas trevas qual sinistro mocho,
E do mysterio a escuridão só busca;
Da luz do céo um raio inda que frouxo
Os olhos seus offusca.

Com vesgo olhar desconfiado espia
O forasteiro, que lhe bate á porta;
Vel-o é crime; fallar-lhe é ousadia
Que pouca vez supporta.

Feroz rudeza, estúpida indolencia
Por seus dominios sem contraste impera,
Nem um raio da luz da intelligencia
Nos antros seus tolera.

Com muralha de bronze bem quizera
Cingir em torno as terras paraguayas,
E ai d'aquelle que ao covil da fera
Transpôr ousasse as raias!

Sim, bem quizera qual em turvo manguo
Bojudo sucury, torpe reptil,
Devorar em segredo a seiva, o sangue
De seu rebanho vil.

Mas vêde lá, na esquerda ribanceira
Onde em crescente encurva-se a barranca,
Do rio seu com horrída tranqueira,
As portas atravanca.

Como bulcão de feia catadura
Ao longo da ribeira ei-la acolá,
A colossal, terrífica estructura,
Soberba Humaitá!

E' qual montanha de volcões c'roada,
De baluartes um congesto enorme;
A mole immensa de canhões crivada
Estende-se disforme

Da riba ao longo o bastião sombrio
Em vasto semicirculo se encurva,
E o sinistro perfil no longo rio
Estampa a sombra turva.

Alli co'a hiante fauce atterradora
As portas guarda á barbara nação,
Como estendida garra ameaçadora
De colossal dragão.

Por traz d'esse reducto alapardado
O monstro as redeas solta ao desatino,
E cuida ter em suas mãos fechado
Da America o destino.

*
* *

Mas ainda dos seus o sangue é pouco
Para appacar-lhe a sede ; das entranhas
Um rugido soltando horrendo e rouco
Olhar de inveja ás regiões estranhas

 Alonga cubiçoso,
E em fel lhe ferve o peito ambicioso.

De seu merlão sentado nas ameias,
 O despota sombrio

Covarde insulta as flammulas alheias,
E ultraje atroz, tremendo desafio
Do Brazil descuidado atira á face,
E antes que este acordasse da surpresa,

 E irado o collo alçasse
De seus calcados brios em defesa,
Ei-lo que desleal, insana guerra
Ao seio leva da brasilia terra.

Qual venenoso, tredo escorpião,
Que sem sahir do ninho em que se encerra,
O farpado ferrão no dorso enterra

 De intrepido leão,
Tal a garra feroz o monstro vil
Estende e crava em terras do Brazil.

E enquanto com a cauda morde e açoita
De Matto-Grosso as plagas indefesas,
A medonha cabeça erguendo affoita,
Nas regiões do sul atraca as prezas.

Exulta o monstro, e já por acabada
A empreza dá, que ousado commetteu,
E cuida ver a America assustada
Tremar ao nome seu!

Exulta o monstro, e pavoroso brado
Arranca de selvatica alegria,
E nos festins de sangue embriagado
Insano tripudia.

*
* *

Ruges em vão, ó tigre famulento,
Em teu covil infando,
E em teu feroz intento
Insultos e ameaças borbotando,
Movendo ás gentes traíçoeira guerra
Cuidas gelar de susto o mar e a terra!

Em vão de tuas selvas desenterras
Esqualidas cohortes ;
Em vão d'esse covil em que te encerras
Ergues á entrada monstruosos fortes ;
Dos muros teus em triplicado cinto
Em vão medroso buscas o recinto.

Por engrossar as barbaras phalanges
Em vão, em vão porfias ;
Dos velhos á mão tremula confias,
Ferrugentos alfanges,

E a matrona, e a donzella e a creança
Levas sem dó ao corro da matança.

Em vão de teu covil ergues á entrada
De Humaitá o horrífico espantalho,
Rude colosso, machina abortada
De um seculo de trabalho.

De teus escravos ás legiões bravias
Ebrio de orgulho dás fatal rebate,
E os povos, teus visinhos, desafia
Aos campos do combate.

Fatal cegueira!... cuidas que na historia
Brilhante nome vaes gravar eterno
Em paginas de gloria,
E julgando-te já Breno moderno,
De um ligeiro triumpho ençumecido
No peito alentas esperanza insana
De lançar tua espada de bandido
Na concha da balança americana.
Co'essa espada infeliz, que nas refegas
Dos rins jamais te sahe,
Ah! tu não vês, que vaes cavando ás cegas
O sepulchro, em que já tombando vae
Comtigo o povo, que jungido trazes
Do jugo teu aos vinculos fallazes ?...

Aguia quizeste ser; — cabe-te o nome
De carnicheiro abutre,
Que em cadav'res corruptos mata a fome,
E só de sangue e podridão se nutre.
A aguia empolga a presa que cubiça
Com sua propria garra;
Mas ninguem vio pela sangrenta liça
O lampejo de tua cimitarra.

Sobre esses tristes campos desolados
Convertidos em pantanos de sangue,
Entre montões de corpos degolados
Por sepultura tendo infecto mangue,
Desce, ó monstro, os adejos teus abate
Que já vae longe o fumo do combate.

De teus famintos perros a matilha
Na erma granja, na indefesa aldeia
De sangue, incendio e roubos a mão cheia
Abrio-te larga trilha.

Vem cevar com satanica alegria
De teus brutaes instinctos a fereza;
Vem, que de tua sanguinosa orgia
Está servida a meza
E' esta a preza que afanoso empolgas:
Este o festim em que risonho folgas.

Mas... ergue um pouco a fronte,
Olha... não vês no lobrego horizonte
Uma estrella de sangue que se some
 Nas sombras de um bulcão?
Teu castigo prediz... cobre teu nome
 De eterna maldição.

~~~~~

### III

#### OSORIO E A PASSAGEM DO PASSO DA PATRIA.

Eis já de Osorio alem do Paraná  
O heroico vulto assoma,  
Arde-lhe o peito em bellicoso affan ;  
No ardido arrojto tudo vence e doma.  
Brada avante !,— e voando impetuoso  
De combate em combate  
Com a ponta da lança ás portas bate  
Do despota orgulhoso.

Onde vaes, lidador aventureiro,  
Que impavido e sereno,  
E quasi so calcar ousas primeiro  
Do inimigo o perfido terreno ! ?...  
Por sobre a tua frente,

Por baixo de teus pés, a cada lado,  
No campo ou selva, na vallada ou monte  
Vaes achar teu exicio aparelhado,  
Por toda parte como por encanto.  
Surdem perigos mil, erguem-se escolhos,  
E com famintos olhos  
Te espreita a morte occulta em cada canto.

Da floresta nos antros tenebrosos  
Rubras crateras subito se accendem,  
E em rancos pavorosos  
Do seio ardente mil trovões desprendem.  
Aqui um som confuso remurmura  
Em horrído covil,  
E subito rompendo a mata escura  
Flammejão lanças mil.

Qual doida nuvem, que zunindo passa  
Impellida de rijo furacão,  
Tudo fere, abalroa, e despedaça  
O rapido esquadrão;  
Corre, voa, destroça, e de hora a hora  
Some-se aquí, alem de novo brame,  
Combate e foge, surde e se evapora  
Qual de duendes pavoroso enxame.

Diante de teus passos  
De ciladas um dedalo se enreda ;  
E o chão crivado de traidores laços  
Passar alem te véda.

De tras de cada tronco um combatente  
Verás surgir, e a balsa verdejante,  
Que alem ves sussurrando, de repente  
Em bulcão se transforma chammejante  
Vomitando em horrisonos estouros  
Um chuveiro de bombas e pelouros.

Atravancão-se aqui enormes pilhas  
De arvores tombadas,  
Que contra o rosto teu em mil estilhas  
Erricão-se farpadas,  
Alem sob o tapiz viçoso e molle  
Falláz e liso esteiro  
Esconde o tremedal, que inteiro engole  
Cavallo e cavalleiro.

Onde vaes, lidador aventureiro  
Que impavido e sereno,  
A cravar tua lança és o primeiro  
No perfido terreno! ?...

Mas quem pode deter o astro brilhante  
    No giro glorioso,  
Ou da torrente fervida, espumante  
Oppor um dique ao curso impetuoso !...  
Já longe avante vae ; já dos perigos  
Na medonha voragem searremessa,  
E com olhar tranquillo ei-lo atravessa  
    Os fogos inimigos,  
Que nas verêdas asperas da gloria  
Por guia leva o anjo da victoria.  
Igneo lampejo o gladio seu fulmina  
Por entre o nevoeiro das metralhas ;  
Um semi-deos parece, que domina  
    A sorte das batalhas.  
Ei-lo que alem desaparece envolto  
De fumo e fogo em turbilhão revolto.

Qual o condor pairando em céu escuro,  
Donde bramindo o raio se despede,  
Assim Osorio com olhar seguro  
O paraguay campo explora e mede ;  
Os ardilosos planos lhe adivinha,  
E os mais esconsos antros esquadrinha.

Veloz como o tufão perlustra e bate  
Em toda a linha a frente do inimigo,  
E combate ferindo após combate

De covil em covil os desaloja,  
E ao derradeiro abrigo  
Dos baluartes seus os punge e arroja.

Assim quando o jaguar sanhudo invade  
Dos caetetús a solapada róca,  
E derrama o terror e a mortandade  
Pela sombria tóca,  
Em derredor da truculenta fera  
Encarniçada a turba se aglomera.  
Girando em turbilhões enovelados  
Com horrído estrugido  
Roncão trincando os dentes navalhados.  
Solta o jaguar um pavido bramido,  
E á revolta caterva as garras lança ;  
Com elles entra em aspera refega,  
E tudo, quanto o irado bote alcança,  
Mutila, rasga, e rabido estrafega.  
Ei-los em fuga lá se vão rosnando  
Nova guarida ao longe procurando.

.....

Salve, Itapirú!... bronca atalaia,  
Que as ameias ao ceo ergues sombrias,  
E á terra paraguaya  
As fronteiras inhospitas vigias !...  
Salve, ó tu, que primeira

Nos teus rotos merlões viste plantada  
A gloriosa, nacional bandeira ;

Tu, que a fronte humilhada  
Ante o heróe brasileiro inclinas muda,  
Itapirú, a musa te saúda !...

Diante de teus muros  
Que esplendido painel se desenrôla !  
Vê como alegre aos trophéos futuros  
A brasileira flamula tremóla !...  
O undoso Paraná vê entre assombros  
Da temeraria empresa o estranho arrojo ;  
Da carga ufano, que conduz nos hombros  
De innumerous bateis no curvo bojo,  
Em cada onda, que as areias beija,  
Centos de heróes nas praias te despeja.

Em vão a tua irada artilharia  
Qual molosso feróz espuma e ladra ;  
Despejando a tremenda bateria  
Já lhe responde a brasileira esquadra.  
Dos bórdos o canhão rebrama iroso,  
Ruina e mortes trovejando entorna ;  
Do Paraná o veio caudaloso  
Em cratéra de fogo se transtorna.

Horriavel asteroide, a ardente bomba  
Curvo gyro traçando nos espaços  
Rebenta, e n'um chuveiro de estilhaços  
Dentro em teus muros tudo arrasa, e arromba.

Olha, que nobre ardor, quanto heroismo  
Da denodada turba o peito inflama!  
Tendo aos pés o voráz, undoso abysmo,  
Sobre a fronte um docél de fumo e chamma,  
Já dos dominios teus rompe a balisa,  
E o solo do inimigo afoita pisa.

Em torno de teus muros ondeando  
A carabina, a bayoneta, o sabre  
Estrago e morte a eito derramando  
Ao seio teu amplos caminhos abre,  
E com bramido horrendo a artilharia  
Atroadora saudação te envia.

Eis já por fim baqueias,  
E d'í teu derrocado bastião,  
Ondulando lá vejo nas ameias  
Victorioso o nacional pendão,

Avante! avante! heroicos lidadores!  
Longa a lide será, dura e fragueira;  
Ainda longe está dos vencedores  
A palma derradeira.

Avante! avante!— Osorio é, quem vos brada.  
Elle aos campos da gloria  
Vos chama, e com a fulgurante espada  
Vos aponta o caminho da victoria.

Avante! alem! — já gloriosa estreia  
Deixaes ali gravada  
De Itapirú na frente esmoronada.  
Dos feitos vossos na immortal cadeia  
Forjaŕes o primeiro elo brilhante,  
Preludio deslumbrante  
Dessa epopéa de gentis façanhas,  
Quaes esta idade nunca vio tamanhas.  
Camaradas de Osorio, avante, avante!...

---

#### IV

##### RIACHUELO E BARROSO

Salve, gram Paraná! — como se estira  
Por paramos sem fim teu largo leito,  
Abrindo ampla avenida de saphira  
Entre docéis de nitida esmeralda,  
Desde as montanhas de sombrio aspecto,  
Que em borbotões te entornão pela espalda,  
Té as risonhas, argentinas plagas,  
Que no curso caudal soberbo alagas!

Qual boicininga enorme  
A rugidora cauda sacudindo  
Pelas montanhas no despenho insano,  
O corpo estendes no deserto infindo,  
E leguas trinta abrindo a boca informe  
Vais morder o oceano.

Salve, gigante! — nos excelsos montes  
Se assenta o throno eterno, em que dominas ;  
São teus reinos interminas campinas,  
Infundos horisontes.

Os verdes pampas tens por escabello,  
Tens por docel o firmamento azul;  
Salve, gigante magestoso e bello,  
Rei das aguas do sul!

Pelos ermos tranquillo resvalando,  
Campinas banhas selvas e palmares,  
E te acalentas ao murmurio brando  
Das selvas seculares.

Na vasta zona, que teu veio inunda,  
Do virgem solo o seio fecundando,  
Só ves da natureza a mão jocunda  
Seus ricos dons risonha alardeando,  
Ampara-te do sol contra o mormaço  
Da selva intonsa o fluctuante véo,  
E no crystal do limpido regaço  
Sorri-se a paz do céu.

A Deus prouvera de horrido combate  
Nunca ouvisses a grita furiosa,  
Nem te tremesse o seio ao rijo embate  
Da guerra sanguinosa!...  
Oh! quem dera jamais outros rumores  
Ouvisses mais que o canto do barqueiro  
Cantando os seus amores,  
Ou da floresta o murmuro fagueiro,  
E entre o farfalhar de auras suaves  
Brandos gorgeios de innocentes aves.

Mas tu, que ora sereno e magestoso  
Por solidões tranquillias te derramas  
Tinctas de sangue em breve as tuas agoas  
Dos canhões ao ribombo pavoroso,  
Verás arder entre vermelhas fragoas,  
Não luz do céo, porém do inferno as chammas  
Reflectirás em teu turbado veio,  
E em vascas de inaudito cataclysmo  
Ao choque horrendo tremerá teu seio  
Desde o profundo abysmo.

Como um bando de cisnes dorme arfando  
A foz do Riachuelo  
Dona das aguas a brazilia frota,  
— Do paraguay eterno pesadelo ; —  
E do inimigo os passos vigiando  
Do grande rio lhe atravanca a rota.

Jura ó cacique em furia aniquila-la;  
E em peso a sua armada  
De mortaes apetrechos atulhada  
Contra a esquadriha descuidada abala.

Eia, Barroso!... lá despona a aurora  
Do teu dia de gloria,  
O sol, que em Riachuelo surge agora  
Esplendido e formoso  
Abre nos fastos da brazilia historia  
Para teu nome espaço luminoso.

Leão do mar, sacode altivo a coma,  
Que a preza tua no horisonte assoma.

Qual de abutres famintos negro bando  
Aguas abaixo ei-los que vem singrando  
Os lenhos paraguayos.

Trazem furor e sede de carnagem,  
Monstros marinhos tem por equipagem,  
Guardão no bojo da vingança os raios.

Vê, como audazes pela frente paixão  
Da brazileira frota ;  
Como dos lados todos a ameação  
De inevitavel, misera derrota!  
Atroadora em uma e outra borda  
A voz tremenda dos canhões accorda.

Mas Barroso os espera calmo e quedo :  
Bem como soberana aguia altaneira  
Pousada no rochedo,  
Do convéz da possante canhoneira  
Um por um os contempla, os mede e conta,  
E a cahir sobre elles já se aprompta.

Eis já do seio da inimiga esquadra  
De balas mil um turbilhão rebenta ;  
Cada batel em furias ruge e ladra,  
Qual de lobos matilha famulenta,

Expande-se no ar negrume horrendo,  
De mil vermelhas chispas retalhado,  
Como immensa caldeira refervendo,  
Se empola ao rio o seio alvorotado,  
Reproduzindo em lobrega miragem  
Do bombardeio a pavorosa imagem.

Não só das náos; — também da ribanceira  
Na mata occulta horrivel canhonada  
Ferve e troveja ao longo da ribeira ;  
Qual do seio de nuvem lacerada  
Ardente chuva de metralha e bomba  
D'alta barranca sem cessar ribomba.

Dragões do mar com horrído zumbido  
Rugindo as azas rapidas agitação  
    Os lenhos artilhados ;  
Estúa o rio ao tetrico estampido  
Das torrentes de chamma que vomitão  
    Dos rabidos costados !

Como vogando em céu tempestuoso  
Densas nuvens ao sópro do tufão  
Abalroando em choque temeroso  
Rebentão com horrisona explosão,  
Taes se entrevelão pavidos arfando  
    Os monstros fluctuantes  
Nuvens de ardentes balas despejando  
    Dos flancos fumegantes.

Urge o perigo ; — assanha-se a tormenta,  
O ar é fumo e fogo ; — é sangue o rio ; —  
Ao clarão torvo de uma luz sanguenta  
Resalta o horror d'esse painel sombrio.

Entre rolos de fumo esbrazeado  
As trovejantes náos,  
Dos canhões ao troar descompassado  
Vogar parecem pelo horror do cháos!

A' subita borrasca impetuosa  
Impavida e tranquilla  
Em seu posto um momento não vacilla  
A esquadra gloriosa,  
Que em Paysandú ergueu nobre trophéo,  
E ante a qual tremeu Montevidéo,

Mas ai! urge o perigo ; — atróz carnagem  
Entorna sangue em jorros no convéz  
De uma náos, que atracada de abordagem  
Luta em perigo de fatal revéz!

Além outra infeliz em transe incerto  
Não tarda a succumbir na heroica luta ;  
Por tres navios fulminada ao perto  
Em desigual combate em vão labuta.

Outra mais longe em cheio recebendo  
Da ribanceira horrivel bombardeio,

Ao peso verga do bulcão tremendo  
E enterra n'agoa o lacerado seio....

Eia, Barroso!.... quasi lá naufraga  
Do brasileiro pavilhão a gloria!...  
Já do inimigo audáz, que nos esmaga  
Nos labios paira o grito da victoria.

Mas nao : é cedo ainda ; — o grito ousado  
Convestido em gemidos de agnia  
Vai no peito morrer-lhes — afogado  
No proprio sangue, e na torrente fria

Lá vem cortando as ondas espumantes  
Do amazonas a prôa gloriosa,  
E sacudindo as azas susurrantes  
Vomita fogo a mole poderosa !  
Qual monstruoso, rabido espadarte  
Tudo, que encontra, fere, esmaga e parte.

Já do convéz o impavido almirante  
Sobre o inimigo aprôa a ferrea tromba  
De seu batel pujante,  
Que empurra, fere, despedaça e arromba  
E no abysmo sepulta de repente,  
Quanta inimiga não encontra em frente !

Ao rude choque das fataes marradas  
Já tres d'ellas de morte estão feridas,

E pelo undoso vortice engolidas  
Lá ficão para sempre sepultadas.

As outras assombradas receiando  
O desastroso fim das companheiras,  
Fogem, fogem ligeiras  
Para evitar o exício miserando.  
Ellas, que ha pouco feras e bisarras  
Victoria ião cantar... ai das mesquinhas  
Medrosas andorinhas  
La vão fugindo do condor ás garras!

Levão da esfrega as azas derreadas,  
Mas do pavor nas azas vão voando ;  
Das argentinas agoas enxotadas  
Para sempre se vai o turvo bando  
Esconder-se de medo e de vergonha  
Dos antros seus na solidão medonha.

Da alliança á cruzada generosa  
Eis livre o passo sobre o vasto leito  
Da immensa estrada undosa :  
Para seguir no glorioso pleito  
Já tu lhe abriste, intrepido Barroso,  
Amplio caminho sobre o largo rio  
Té plantar o pendão victorioso  
Nas ameias do despota sombrio.  
Salve, Barroso, nauta glorioso!  
Salve, « Amazonas », immortal navio!

Salve, ó nomes tão dignos de memoria!  
Vós sós sois um poema!  
E entre os trophéos da brazileira gloria  
O mais formoso emblema!

.....

Porém que atroz painel!... da lucta insana  
Vêde o scenario horrendo!  
Espesso fumo ainda os céos empana  
Do turvo rio o seio escurecendo.  
Tristes destroços, corpos mutilados,  
Troncos, cabeças, braços decepados  
Lá vão rolando... mas silencio, ó musa!...  
Cantar não tentes a gentil proeza;  
Arcar não deves com tamanha empreza  
Que a teus debeis accents se recusa...

Vem tu, Meirelles; vem, preclaro artista!  
Rei de pincel, em meu soccorro acóde:  
Desdobra á nossa vista  
A tua radiante, immensa téla,  
Mais eloquente, mas vivaz, mais bella  
Que a mais formosa ode.

E o que da musa o canto desmaiado  
A custo mal exprime,  
Vem revelar ao mundo deslumbrado  
Com teu pincel sublime.

## URUGUAYANA E CANAVARRO

Agora, enquanto o pavilhão formoso  
Da inclita alliança  
Apoz novos laureis correndo ancioso  
Desassombrado em seu caminho avança ;  
Emquanto Osorio a heroica espada arranca,  
De derrota em derrota  
O fugitivo paraguay ospanca,  
E para além do Paraná o enxota ;  
Nós, oh musa, deixemos por momentos  
Do grande rio a riba ensanguentada,  
Por onde agora dos canhões cruentos  
Flammeja e ruge ainda a boca irada ;  
Desviemos um pouco da carreira,  
Que vai trilhando a hoste gloriosa,  
E ganhemos de um vôo a ribanceira  
Do rio, que na lyra harmoniosa  
O cantor de Lindoya, o illustre Gama  
Encheu de eterna fama.

Uruguayana, linda flôr viçosa  
Das campinas do sul,  
Que a branca fronte espelhas orgulhosa  
Do patrio rio no regaço azul,  
Tu, que em frente da Hespanha americana  
Gentil, nobre atalaia  
Ao sul vigias do Brazil a raia,  
Salve, Uruguayana!

Um dia o pé brutal do paraguayo  
Calcou-te o collo, profanou-te o seio ;  
Mas prompta como o raio  
Mão vingadora em teu auxilio veio,  
Dos filhos teus a indomita bravura  
Oh ! não, por muito tempo não consente,  
Que em teu seio se abrigue a horda impura  
Do barbaro insolente,  
Que da patria as campinas tala e assola,  
E o que ha mais sancto sem pudor viola!

O monstro carniceiro, que surgira  
Das selvas paraguayas,  
E com ousada planta conseguira  
Do patrio solo violar as raias ;  
Que rugia famelico e sedento  
De sangue e de carniça,  
E vinha ancioso em teu solo opulento  
Fartar de roubos a feroz cobiça ;

Ei-lo, que arqueja hydrophobo, espumante  
Colhido em fatal rede,  
Ei-lo dobra o joelho supplicante  
Morrendo á fome e á sede,  
E á terra em vão, em vão aos ceos implora  
Lenitivo ao tormento, que o devora !  
Mas passemos por alto a scena ingloria  
Da triste rendição ;  
Ella só nos accorda na memoria  
Horror e compaixão....

Desfile embora a misera cohorte  
De esqualidos phantasmas,  
Inda em vida exhalando já da morte  
Os putridos miasmas.

Deixa passar o macilento bando  
Para dar pasto á vã curiosidade,  
E sorrir-se ante o quadro miserando  
Dos cortezãos a barbara vaidade.

De miseros espectros inanidos,  
Que parecem dos tumulos surgidos,  
Quem quer preto e menagem ?  
Gloria se colhe ao silvo das metralhas,  
Por entre o horror de rispidas batalhas,  
Em meio da carnagem !

Vamos além... já o canhão nos chama,  
O' musa, a outros logares,  
Onde a peleja horrida rebrama....  
Vamos além ; mas antes de deixares  
Estes sitios famosos,  
Desperta ainda os echos, e saúda  
De Canavarro os manes gloriosos !  
Não, não podes, não debes ficar muda  
Ante a sombra do velho lidador,  
Guerreiro illustre das antigas lides,  
*Cavalheiro sem mancha, e sem pavor !*  
Suas cinzas venera, e não trepides  
Em consagrar-lhe a gloria  
Entre os heróes mais dignos de memoria.

Quem por essas interminas câmpanhas  
D'este solo de heróes não sabe o nome  
E as inclitas façanhas  
Do valente, que a terra hoje consome  
No tumulto singelo, em que descança ?  
Podem mil gerações se succeder,  
Esse nome do povo na lembrança  
Jamais ha de morrer  
N'esta terra, em que dês da tenra idade  
Brandio a lança em prol da liberdade !  
Quem não conhece o forte cavalleiro,  
O lidador ousado ?

Pelos rincões veloz como o pampeiro  
Voar parece n'um ginete alado !  
Mui de longe o gaúcho o reconhece,  
E ao tropear do rapido corcel  
O inimigo pavido estremece,  
E foge de tropel....

Já no declinio dos cançados annos,  
Quando a patria em perigo  
Os filhos chama a vindicar os damnos,  
Com que a ultraja perfido inimigo,  
Ei-lo de novo o campeão valente  
Das glorias de outras éras,  
Ei-lo o primeiro se apresenta em frente  
Contra as hordas selvaticas e feras,  
Que o patrio solo amado,  
Com roubo, ultraje e morte hão profanado !

Com ardilosa tactica prudente  
De Estigarribia a barbara cohorte  
De Uruguayana leva ao matadouro,  
Onde o chefe insolente  
Já preferindo o captiveiro á morte  
A vil espada entrega com desdouro....

Ah ! porque sobre a fronte veneranda  
Pairar fizeram perfido baldão,  
E torpe aleive de injustiça infanda  
Teve por galardão

O heróe, que os restos da cançada vida  
Dava por sua patria tão querida ? !

Mas... tu morreste, Canavarro ! A historia  
Que sobre as campas a verdade escreve,  
Guardou teu nome ; enxovalhar-lhe a gloria  
Quem mais ahi se atreve ?

Emquanto n'essa altiva e nobre terra  
De Osorio, dos Menas, e de Andrade,  
Terra, que aos centos gera heróes de guerra,  
Uma scintilla houver de liberdade ;

Emquanto do gaúcho sobre a tenda  
Ferreo pé não calcar o despotismo,  
Será sempre teu nome uma legenda  
De gloria e de heroismo !



## VI

TUYUTY E 24 DE MAIO.

De Tuyuty nas margens paludosas  
Já da alliança o pavilhão fluctua ;  
Ante as fortes phalanges valerosas  
O paraguayto attonito recua,  
E tenta com trincheiras, muros, fossos  
Oppôr um dique ao impeto dos nossos.

Onde estão elles, onde, esses guerreiros  
Que inda ha pouco no meio do combate  
Se arrojão quaes lobos carniceiros ?  
Onde os valentes, que ao tremendo embate  
De nossas legiões quedos morrião,  
E quaes duendes mais além surgião ?

Que é d'elles?... n'um momento se sumirão  
Nas sombras dos escuros matagaes,  
Quaes vampiros da noite, e se esvairão  
Esgueirando por entre os tremedaes,  
Que não se atrevem mais em campo aberto  
Travar combate a peito descoberto.

Ante a espada de Osorio atropelados  
La vão correndo a demandar guarida  
Por traz de immensos muros artilhados,  
Onde esperão não só salvar a vida,  
Como tambem com tredos embaraços  
De nós dar cabo, ou nos tolher os passos.

Lá se levanta em triplicada linha  
De altas trincheiras muro insuperavel,  
Bem como longa, monstruosa espinha  
De ferrivel dragão immensuravel,  
Que em meio da planura alagadiça  
O dorso enorme pavoroso errica.

Quaes traíçoeris serpes enroscadas  
Occultas no capim o hote armando,  
Taes por brenhas e brejos abrigados  
A cada canto nos estão mirando  
As paraguayas hordas fermentidas  
Por traz de seus reductos escondidas.

Aqui abre-se um fosso, além um muro  
Se ergue altaneiro, além mais outro ainda ;  
Ali se cava boqueirão escuro,  
Além um forte, e em successão infinda  
Trincheiras, muros, fossos se apresentam,  
Que o valor mais constante impacientão.

No meio do intrincado labyrintho  
De vallas, baluartes e muralhas,  
Formando em torno tresdobrado cinto  
Compacto e urdido de valentes malhas,  
Como aranha no centro de uma teia  
A temerosa Humaitá campeia !

Diante d'essa mole poderosa  
A hoste da alliança pára e hesita ;  
Do grande Osorio a espada gloriosa  
Mettida na bainha geme afflicta ;  
Já não lhe é dado mais vencer batalhas,  
Mas só romper tranqueiras e muralhas !

Pára e hesita ; porém não desalenta  
A valente crusada ante esse dique,  
De dia em dia mais e mais se alenta  
Para vencer a sanha do cacique,  
E a pé quêdo em seu posto, firme espera,  
Que dentro do covil ruja a panthera.

\* \* \*

Erguei, erguei muralhas e trincheiras,  
Cavai bem fundo os fossos,  
Noite e dia empregai vossas fileiras  
Em construir colossos.  
Por terra derribai bosques sombrios,  
Minai a terra, desviai os rios !

Erguei, erguei muralhas, estacadas,  
Merlões edificai,  
Vossas tredas planicies alagadas  
De vallas retalhai,  
Levantai ante vós muros titanicos,  
Desenvolvei vossos ardis satanicos !

Embalde !... esses horrificos colossos  
Por terra tombarão...  
E em sua quéda vossos proprios ossos  
Um dia esmagarão !...  
Cahirão sobre vós os proprios muros,  
Em que campais agora tão seguros !

Sim, muito cedo tombarás em ruinas,  
Soberba Jericó ;  
Não ficará das moles resupinas  
Nem uma pedra só,  
Ligeira a hora do castigo avança.  
Vão troar as trombetas da vingança.

E' Deus, quem guia da cruzada honrosa  
Os santos estandartes,  
Que atravez d'essa mole temerosa  
De horrendos baluartes  
Vão em nome do céo, da humanidade  
Annunciar-vos paz, e liberdade !

\*  
\* \*

Nos muros seus o despota escondido  
Medita ainda um derradeiro esforço  
E de tantos revezes, que ha soffrido,  
Procura emfim tomar cabal desforço.

E' ancia extrema, arranco de agonia,  
De quem seu fim não muito longe encara,  
E' mais um bello glorioso dia,  
Que a sorte dos combates nos prepara.

De novo louro em meio das metralhas  
Vais ter, Osorio, a fronte circumdada ;  
Inda uma vez o anjo das batalhas  
Te diz— heroe, desembainha a espada !

Apenas suas tendas hão plantado  
Em Tuyuty as hostes alliadas,  
E em guarnecer o campo abandonado  
Se occupão do inimigo descuidadas,

Eis de improviso lanças mil rutilão  
Entre as sombras dos cômoros fronteiros,  
E sobre o câmpo rapidas desfilão  
Columnas e columnas de guerreiros.

Lá da floresta surge outra floresta  
De lanças, de fuzis, de bayonetas ;  
Das brenhas a favor caminha lesta  
Sem troar de tambores nem trombetas.

Como caudal torrente reprezada,  
Que os diques colossaes emfim rebenta,  
E em meio das planicies despenhada  
Em borbotões se arroja turbulenta,

Tal de seus baluartes despedida  
Vem ruindo a cohorte ameaçadora,  
E de indomavel impeto impellida  
De chofre sobre nós rugindo estoura !

Troa o clarim, e subito se estendem  
De nossa linha as alas formidaveis,  
E em seu posto galhardas se defendem  
Sustendo o rijo choque inabalaveis.

De flanco a flanco ateia-se a refrega,  
O fusil e o canhão brama, e tropeja ;  
Em rubros turbilhões arde e fumeja  
Como um volcão o campo da peleja !

\*  
\* \*

Avante ! avante ! fogo !—Osorio brada  
As filas perlustrando ;  
Na dextra lhe reluz a heroica espada  
As valerosas legiões guiando,  
Como um pharol de gloria  
Lhes apontando a senda da victoria.

Avante ! avante ! — a valorosa gente  
Um passo não recua,  
Pois está vendo reluzir-lhe á frente  
Do legendario Osorio a espada nua,  
E a hoste bellicosa  
De Osorio ao grito avança impetuosa.

Bem como em alta e torrida macega  
O incendio estala' e ruga,  
Assim por todo o campo arde a refrega,  
E rabida restruge ;  
O ronco do canhão, que ao longe troa,  
Nas fundas selvas pavoroso echoa.

Entre o fumo da rispida contenda  
As laminas rutilão,  
Quaes entre nuvens de procella horrenda  
Coriscos mil fusilão ;  
E da peleja na sanguenta liça  
De mais em mais a furia se encarniça.

En nuvens de pelouros sibilando  
A morte cruza os ares,  
E pelo campo a eito vai ceifando  
Guerreiros aos milhares,  
Como virente selva truculenta,  
Que tomba ao rijo soprô da tormenta !

Corre o sangue em regatos, que serpeião  
Tingindo o turvo mangue ;  
Os corseis offegantes galopeião  
Em lodaçal de sangue.  
Por entre furiosa gritaria  
Ouvem-se ais, gemidos de agonia !

De Osorio surge no infernal estrondo  
A marcial figura,  
E nas sambras do barathro hediondo  
Um genio se afigura,  
Que rege, ateia e apaga a seu talante  
Todo aquelle oceano flammejante.

Avante ! avante ! fogo !— Osorio brada  
As filas perlustrando ;  
Retine a lança, a bayoneta, a espada,  
No prelio fusilando,  
E nas ultimas ancias a peleja !  
Em mar de fogo furiosa arqueja !

Avante !... porém já desbaratado  
Volta a face o inimigo,  
E de Rojas no campo entrincheirado  
Vai procurar abrigo,  
Qual de javardos horda perseguida,  
Que se recolhe á toca conhecida

Quaes voão pelo céu despedaçadas,  
No fim do temporal,  
As nuvens pelo sopro dispersadas  
De rijo vendaval,  
Taes de tropel buscando os seus merlões  
Lá vão fugindo os rotos batalhões.

Foi este um dia de sangrenta gloria,  
Tambem de luto e pranto ;  
Já pelo campo da feliz victoria  
Restruge altivo o canto,  
E a clangorosa, bellica harmonia  
Abafa mil gemidos de agonia !

\*  
\* \*

És tu ainda, Osorio, que na historia  
Da brilhante epopeia grandiosa  
Burilas com a espada valorosa  
A mais brilhante pagina de gloria.

Sim—é o teu montante formidavel,  
Que inda uma vez esmaga o paraguayo,  
E eternisa esta data memoravel—  
—Vinte e quatro de maio!

Gloria ainda uma vez ao nome teu,  
    Illustre lidador!...  
Nova corôa a fronte te envolveu  
    De eterno resplendor,  
Honra a ti, e a teus bravos companheiros  
Gloria aos heroicos, immortaes guerreiros!..



## VII

### PORTO-ALEGRE.

Já não somente a bala, a lança, o sabre  
Em continuas batalhas carnicieras  
De dia em dia immensos claros abre  
Das alliadas hostes nas fileiras.  
Novo inimigo surge lá do fundo  
    Dos mangues lodacentos :  
Da peste se levanta o monstro immundo,  
E das fauces infectas exhalando  
    Miasmas peçonhentos  
Vai pelo campo estragos derramando.

No leito inglorio exanimes expirão  
Aos centos os heroicos lidadores,  
Que já em cem combates vencedores  
    De gloria se cobrirão,  
Dês lá de Uruguayana e Yatahy  
Té os tredos paúes de Tuyuty.

Calão-se os bronzes ante o mal horrivel,  
Pende o arcabuz, a espada se embainha,  
E dizimado o exercito invencivel  
Em forçada inacção jaz e definha,  
E fraco mal responde  
Aos tiros do inimigo, que se esconde!

Mas já no campo surge radiante  
De Porto-Alegre a homericã figura;  
Dos heroes entre a pleyade brilhante  
Mais um nome fulgura!  
Das campinhas do Sul é mais um filho,  
Que ás patrias armas vem dar novo brilho.

Traz comsigo cohortes valerosas,  
Lidadores noveis,  
Pouco affeitos ás lides sanguinosas,  
Mas bravos e fieis,  
Que anceião pela hora do perigo  
E ardem por ver a face do inimigo.

Pesa-lhes n'alma esse silencio inglorio  
Dos canhões da alliança.  
Aos veteranos do valente Osorio  
A palma de pujança  
A todo transe disputar pretendem,  
E em bellicosa emulação se accendem!

Quem sopea-los pode na affouteza  
D'aquelle ardente afogo?...  
Querem já receber em lucta aceza  
O baptismo de fogo  
Em nobre ardor não menos ancioso  
Offega o peito ao chefe glorioso.

— Para Curupaity! marchemos!... eia! —

O chefe illustre brada:

— Para Curupaity! — alto vozeia

A gente alvoroçada,

E como quem se vai para uma festa

Já prasenteira e fervida se apresta.

De escarpada eminencia no recosto

Curupaity lá está,

Qual molosso feroz de guarda posto

A' horrenda Humaitá,

Muros, trincheiras, brejos, socavões

Cingem-lhe em torno os negros bastiões.

Para tornar de todo insuperavel

O altivo baluarte

Concorrerão de modo formidavel

A natureza e a arte.

Por toda parte o circumscreve todo

E agua, e fosso, e fogo, e mato e lodo.

7.

Do Paraguay as aguas dominando  
Repousa os pés nas margens ;  
De cem canhões o fogo despejando  
Nas alagadas vargens  
Do alto dos terrificos merlões  
Fulmina de uma vez cem batalhões.

Que importa ! abrão-se embora ante seus passos  
Flammivomas cratéras :  
Sobre elles rebentando em estilhaços  
Desabem as esferas ;  
Tombem os montos, cavem-se os abysmos,  
Trema a terra em medonhos cataclysmos.

Que importa !... qual torrente furiosa,  
Que desce da montanha,  
A brilhante columna impetuosa  
De façanha em façanha  
A' voz do bravo chefe irá rompendo  
Morte ou victoria só por senha tendo!

Em possantes navios conduzida  
Pelas aguas do undoso Paraguay  
De Porto Alegre a gente destemida  
Mil glorias a sonhar subindo vai.  
Vai-lhe na frente a esquadra gloriosa,  
Que em lenta marcha avança cautelosa.

Sabe do rio o leito estar trancado  
De mortaes impecilhos e torpedos;  
Que do tyranno o espirito atilado,  
Sempre fecundo de artificios tredos,  
Si não sabe brandir no campo a espada,  
Tigre covarde prima na cilada.

Vai subindo a phalange valorosa ;  
Mil glorias a sonhar lhe anceia o peito,  
Emquanto a armada corta a estrada undosa,  
Que se espreguica no profundo leito.  
De olhos fitos no chefe seu querido  
Conter não pode o impeto insoffrido.

Eis lá do seio de bravia brenha  
Troa o signal ha tanto suspirado.  
Invisivel canhão com voz rouquenha  
Na funda selva estruge inopinado  
Qual ronco de medonha sucuryba  
Feroz rugindo pela bronca riba!

Mais um dragão occulto na espelunca  
Bramido horrendo espalha pelos ares  
Na densa mata alapardado! — Nunca  
Ninguem o ouvio, nem vio n'esses logares.  
E' sempre assim que de guarida occulta  
Esse inimigo astuto nos insulta.

De Porto Alegre sobre a heroica fronte  
Resplende calmo um raio de alegria,  
Como no tope de elevado monte  
A luz se esbate de formoso dia  
Parece vêr no céu o anjo da gloria  
A lhe acenar co'as palmas da victoria.

D'elle ao aceno lepidos saltando  
Pela deserta, nemorosa margem  
As galhardas fileiras desdobrando  
Os denodados batalhões se espargem  
Um chuveiro de bombas e granadas  
Sobre elles tomba em horridas rajadas!

Mas já se embrenhão pela mata á dentro  
Qual matilha de galgos adestrados ;  
Vão destemidos procurar o centro  
D'onde trovejão os canhões irados.  
Querem ver o inimigo fronte a fronte,  
De tanto estrondo querem ver a fonte.

Por entre as furnas da floresta hirsurta  
O combate feroz estoura e ruge,  
Qual incendio voraz. Medonha a lucta  
Encarniçada e fervida restruge !  
Parece temporal que atoa os ares.  
Deitando em terra troncos seculares !

De covil em covil escurraçado  
O inimigo por fim se vae sumindo  
E da rude refrega escarmentado  
Pelas brenhas se acoita. Vem cahindo  
A noite e com seu placido remanso  
A furia da matança impõe descanso.

## VIII

### ASSALTO Á CURUZÚ

E' noite.—Pelos céos a lua branca  
Esparge saudosissimos fulgores,  
E ao longo da barranca  
Murmura o rio languidos rumores,  
A densa brenha arqueja  
Ao brando sopro d'aura, que a bafeja.

Na bronca selva de arcabuz ao lado  
Em frio e duro chão dorme o guerreiro,  
Outros tambem no solo ensanguentado  
Estão dormindo sopro o somno derradeiro.

Tudo é sombra e mudez  
Pela sombria, lobrega espessura ;  
Do vento, que murmura  
Mal se ouve a voz, e lá de vez em vez  
Retroando da brenha entre os algares  
O tiro da vedeta accorda os ares.

E' noite. A lua vai silenciosa  
Pelos celestes paramos boiando ;  
    Qual charpa luminosa  
Resplende o largo rio espreguiçando,  
    E brandamente arqueja  
Sobre as areias, que amoroso beija.

Que solidão ! que paz do céu descida  
Sonhos derrama de saudade e amor,  
Pairando sobre a fronte adormecida  
    Do rude lidador !

Talvez a esta hora uma visão celeste  
Vem sorrindo pousar-lhe á cabeceira  
    Do ingrato leito agreste,  
E docemente com a mão fagueira  
Da guerra applaca a voz sanguinolenta,  
E entre idéas saudosas o acalenta.

Sim, talvez lhe sorriem n'esse instante  
    Imagens bem queridas :  
A patria, o lar, a esposa, a doce amante  
No troar dos combates esquecidas  
    Vem a furto afaga-lo  
E com meigas lembranças embala-lo.

Mas dura pouco a paz, que o céu envia  
    Sobre a face da terra.

O peito humano estúia noite e dia  
Entre sonhos de guerra.

—Avança! fogo! mata! avança! avança  
Mesmo dormindo o labio remurmura,  
Sede fatal de sangue e de matança  
Lhes annuvia a torva catadura.

Mas que sinistro estrondo desusado  
Lá vem roncando pela escura brenha?  
Que horrendo temporal desatinado  
Pela bravia encosta se despenha,  
E a faz bramir qual fero leopardo,  
A quem cravarão venenoso dardo?

Não é dos bronzes o trovão, que brame  
De occultos bastiões,  
Nem de inimigos é feroz enxame,  
Que em densos turbilhões  
Despejando mortal fusilaria  
Nas trevas a luctar nos desafia.

Não é tambem furor dos elementos,  
Nem vendaval raivoso,  
Que atira em terra os troncos corpulentos,  
E em torvelim ruidoso  
Galopando com furia irresistivel  
As selvas enche de alarido horrivel.

Que será?... de vermelha luz tingido  
Afoguedo o azul do céu resplende ;  
Vasto clarão nos ares diffundido  
Por ceos e terra subito se estende ;  
    Do rio a larga veia  
De rubidos reflexos se incendeia ;

Pelos grotões do bosque emmaranhado  
• Pavoroso sussurro se propaga,  
Como ao longe oceano encapellado  
Arrebrandando vaga sobre vaga ;  
    Tremenda ventania  
A melena dos bosques arripia !

Pelos selvosos antros, que restrugem,  
Um mar de fogo em turbilhão rebrama ;  
As chammas em furor crepitão, rugem,  
    Nos ares se derrama  
De espesso fumo tolda abrazeada  
Como de bronze abobada inflammada.

Já da floresta as arvores copadas  
De rubras labaredas se coroão ;  
    Mil chispas abrasadas  
Turbilhonando pelo espaço voão ;  
Linguas de fogo pelo ar se estirão,  
E em furia espadanando ao céu se atirão.

Mas do inimigo o ardil imprevidente  
Contra si mesmo açula os elementos ;  
Contra elles soprando de repente  
Em nosso uxilio vem propicios ventos,  
E aquelle mar de horrendas labaredas  
De rijo vento subito açoitadas  
Contra quem o accendeu se voltão tredas,  
E sobre elles rugindo encapelladas  
De rojo os levão por grotões escuros  
A demandar o abrigo de seus muros !

A noite inteira as selvas devorando  
Arde e esbraveja o incendio furioso,  
O sinistro clarão reverberando  
    Por brenhas, ceos e aguas ;  
Retroa ao longe o echo pavoroso  
    Das rugidoras fraguas.

De Porto-Alegre emtanto a heroica gente  
Junto á barranca o posto firme guarda  
    E espera impaciente  
O primo albor da aurora que não tarda.

Não tarda;—roseos véos já do levante  
    As orlas purpureião.  
Em breve de uma faixa cambiante  
Os horisontes lucidos se arreião,

E entre estrondos de bellica harmonia  
Refulge emfim o suspirado dia.

Mais longe, além, n'um claro da floresta  
De alto redente lá negreja o vulto,  
Que sobre nós grossos canhões assésta  
Por entre densas brenhas quasi occulto ;  
Guarda avançada em matagal sombrio  
A cavalleiro vigiando o rio.

E' Curuzú, panthéra traíçoeira,  
Que na moita emboscada alto rebrama,  
E ao longo da ribeira  
A morte, o susto, a confusão derrama.  
E' Curuzú !... a ella ! eia, guerreiros !  
Com passo firme, sus !... voai ligeiros !

Mais entre vós e o forte um mar ondeia  
De cinza ardente e de abrasados troncos ;  
O inimigo canhão feroz vozeia  
A cada canto pelos sitios broncos :  
Crivado o chão de brasas e estilhaços  
A cada instante vos suspende os passos !

Que importa !... pelas sendas incendidas,  
Atravez dos escombros fumegantes  
Das selvas derruidas,  
Entre nuvens de balas sibillantes,

Olhos fechando ao tetrico perigo  
Buscais caminho ao antro do inimigo.

Em vão lá das ameias iracundas  
Troveja o horrendo forte,  
E a toda parte pelas brenhas fundas  
Envia horror e morte!

Em vão pelo selvatico escondrijo  
Do invio matagal  
Rebenta a cada passo fogo rijo  
Qual rude vandaval,  
E sem cessar as filas denodadas  
Açoita com mortíferas rajadas !

A Curuzú !... avante sempre !... avante !  
De Porto Alegre as validas phalanges  
Se arrojão. — Já no prelio delirante  
Emmudece o fuzil, cruzão-se alfanges,  
E em toda a linha, selva movediça  
De bayonetas subito se erriça.

Ha muito já do forte combalido  
Calarão-se os canhões desmantelados ;  
Da heroica esquadra o fogo bem nutrido  
Abafou-lhes na goéla a chamma e os brados.

Mas entre os grossos rolos de fumaça,  
Que em torno d'elle ondeia  
Torva resumbra ainda a escura massa,  
Minaz inda campeia,  
Mal extincta cratéra  
De fumo em borbotões toldando a esphera.

Avante ! avante ! a hoste destemida  
Estragos derramando em toda a parte  
Vai bater como a onda enfurecida  
Na barbacan do horrendo baluarte,  
A's ameias se arroja, e a ferro frio  
As portas quebra ao bastião sombrio.

De seus leaes, valentes defensores  
Nenhum cuida em fugir, nenhum se rende ;  
Contra a sanha dos fortes aggressores  
Cada um a pé quedo se defende,  
E com torvado gesto sobranceiro  
Morre um por um até o derradeiro !

Sublime devoção ! alto heroismo !  
Coragem digna de melhor destino !...  
Não fosse ella estulto fanatismo  
Em defesa de um despota assassino,  
Que aos povos seus em sorte  
Só sabe dar escravidão ou morte !

Dos hymnos da victoria entre os clangores  
Desfralda ao vento suas lindas cores  
    A nacional bandeira,  
Com tiros e clamores de alegria  
Do rio a esquadra saudações envia  
    A'flammula altaneira.

Salve, nobre phalange denodada,  
Que os feitos teus com tanto brilho estreias!  
Tua senda de louros vai juncada,  
Nada tens que invejar glorias alheias,  
E ao lado dos mais bravos veteranos  
Podeis agora erguer a fronte ufanos !

Do livre bardo a musa te corteja,  
    Illustre e bravo conde,  
E aos hymnos, com que a gloria te festeja,  
    Alegre corresponde,  
E si lhe é dado, teus brilhantes louros  
Ha de enviar aos seculos vindouros !

Mas que estrella fatal teu passo ousado  
Vem suspender na triumphal carreira  
    Que intrepido encetavas ?  
E de Curupaity ante a trincheira  
Sem victoria combate ensanguentado  
    A todo transe travas ?

Curupaity !... essa fatal lembrança  
Deve amargar-te n'alma, ó lidador !  
Quando teu vôo alçavas com pujança,  
Arrancarão-te as azas, ó condor !  
Mas nem um raio só se escureceu  
Da gloria, que circumda o nome teu.

Golpe mortal sobre o colosso ingente  
Ias prompto vibrar com mão segura ;  
Eis que infeliz, fatidico incidente  
Turba-te os planos, balda-te a bravura,  
E te diz—não irás ; é cedo—Espera,  
Que em seu covil se refocille a fera.

Assim das mãos arrancão-te a victoria  
Expondo-te á cruel calamidade...  
Porém silencio, ó musa ; um dia a historia  
Dirá toda a verdade....





# BARCARÓLA

Feiticeira moreninha,  
Que a tardinha  
Vens na praia passear  
Vê a minha barca linda,  
Mais ainda  
Que o mimoso nenuphar.

A vogar  
Sobre o mar  
Nos meus braços vem amar.

Acharás n'este barquinho  
Doce ninho  
Para de amores cismar,  
Embalada pela vaga,  
Que te afaga  
A luz de brando luar.

É no amar  
A vogar,  
É no mar, que eu sei amar.

Ronque embora a tempestade,  
Que não ha-de  
Nosso barco soçobrar;  
Eu não temo mais escólhos,  
Si teus olhos  
Juncto a mim vejo brilhar.

A vogar  
Sobre o mar  
Só tu me podes guiar.

Ama a onda a praia mansa,  
Nem se cança  
De sempre e sempre a beijar;  
E minha alma vem com ella,  
O' donzella,  
Seus amores soluçar.

Sobre o mar  
Sem cessar  
Por ti vivo a suspirar.

A minha barca é veleira,  
E ligeira

Sabe as rochas evitar ;  
Nem temo nenhum perigo,  
Quando sigo  
Por pharol o teu olhar.

Sobre o mar  
A brilhar  
Sê minha estrella polar.

Tal qual és assim formosa,  
E donosa,  
Deves ser filha do mar ;  
De teus labios os coraes  
Onde mais  
Poderias encontrar !

Sobre o mar  
A vogar  
Saberás melhor amar.

Essas perolas mimosas,  
Que entre rosas  
N'um sorrir fazes brilhar,  
São thesouros, que nas vagas  
Entre fragas  
Só o mar sabe crear.

Sobre o mar  
A vogar  
Vem teus risos derramar.

De teus olhos cismadores  
Os fulgores  
Parecem meigo luar,  
Quando na onda dormente  
Docemente  
Vem seus raios repousar.

A cismar  
Vem no mar  
Em meus braços te embalar.

Moreninha feiticeira  
Que fagueira  
Pela praia vens cismar,  
Olha a onda preguiçosa,  
Que amorosa  
Vem na areia soluçar.

A boiar  
Sobre o mar  
N'ella amor te vem buscar.

Vem á minha barca linda  
Mais ainda,  
Que o mimoso nenuphar;  
N'este berço encantador  
Nosso amor  
Nunca mais se ha-de acabar.

Sobre o mar  
A vogar  
Viveremos só de amar.





# O ADEOS DO VOLUNTARIO

Adeos! longe de teus olhos  
Tristes dias vou passar  
Vou cingir a espada, e longe  
Mil perigos affrontar  
Adeos, que em longinqua terra  
Me chama o clarim da guerra.

Dever de leal soldado  
Me arranca dos braços teus  
Hoje a patria que padece  
Me manda dizer-te adeos  
Oh! que este adeos é bem nobre;  
Porem quanta angustia encobre!.....

A honra vou defender  
1a Do ouriverde pavilhão

Elle e o teu nome aqui levo  
Gravados no coração  
Devo voltar com victoria  
Ou morrer cheio de gloria!....

Esta vida, este meu sangue  
Devo a patria que m'os deu;  
Mas depois da patria salva,  
Serei teu, sómente teu.  
Guardar-te-hei fé inteira  
Qual guardo a minha bandeira.

Terei sempre ante meus olhos  
A tua imagem louçã ;  
O nome teu nas pelepas  
Será o meu talismã  
E como um phanal de gloria  
Me levará á victoria.

Mas se no campo da honra  
E' meu destino morrer,  
Se nunca mais os meus olhos  
Poderem tornar-te a ver  
Sem lastimar minha sorte  
Chora sempre a minha morte.

D'esses teus formosos olhos  
Uma lagrima de dôr  
Caio sobre o ignoto nome  
Do obscuro lidador  
E tua saudade immensa  
Seja a minha recompensa.

Praza ao céo que eu possa um dia  
Entre os hymnos da victoria  
Á grinalda das amores  
Unir os laureis da gloria  
E a sombra dos lares meus  
Repousar nos braços teus.

Adeus ó minha adorada  
Sôa a hora da partida  
Ai que minha alma se parte  
N'esta triste despedida  
Cinge-me nos braços teus  
Não chores... adeus... adeus!.....





## CANTIGA

Aqui d'este arvoredado  
Das sombras no segredo  
Oh ! vem.  
Por estes arredores  
O bosque outras melhores  
Não tem.

O ruivo sol da tarde  
Já nas montanhas arde  
D'alem.  
A lua alvinitente  
Nas portas do oriente  
La vem.

A viração fagueira  
A rapida carreira  
Detem,

E dorme preguiçosa  
No calix da mimosa  
Cecem.

Ninguem na sombra escura  
Verá nossa ventura,  
Ninguem.  
Somente os passarinhos  
Occultos em seus ninhos  
Nos vêm.

Do bosque entre os verdores  
Se occupão só de amores  
Tambem.  
E a lua, que desponta,  
Jamais segredos conta  
De alguem.

Debaixo do arvoredó,  
Na gramma do vargado  
Oh ! vem,  
A sombra d'este abrigo  
Fallar a sós commigo,  
Meu bem.

---

## SE EU DE TI ME ESQUECER

Se eu de ti me esquecer, nem mais um riso  
Possão meus tristes labios desprender ;  
Para sempre abandone-me a esperança,  
Se eu de ti me esquecer.

Neguem-me auras o ar, neguem-me os bosques  
Sombra amiga, em que possa adormecer,  
Não tenham para mim murmúrio as agoas,  
Se eu de ti me esquecer.

Em minhas mãos em aspide se mude  
No mesmo instante a flor, que eu for colher ;  
Em fel a fonte, a que chegar meus labios,  
Se eu de ti me esquecer.

Em meu peregrinar jamais encontre  
Pobre albergue, onde possa me acolher ;  
De plaga em plaga, foragido vague,  
Se eu de ti me esquecer.

Qual sombra de prescito entre os viventes  
Passe os miseros dias a gemer,  
E em meus martyrios me escarneça o mundo,  
Se eu de ti me esquecer.

Se eu de ti me esquecer, nem uma lagrima  
Caia sobre o sepulchro, em que eu jazer ;  
Por todos esquecido viva e morra,  
Se eu de ti me esquecer.



## A MORTE DE FLAVIO FARNEZE

Musa infeliz, ah ! que sinistro fado  
Te cinge a fronte de funerea rama,  
E entre sepulchros pranto amargurado  
Hoje a chorar te chama ?...

Já não te é dado mais vibrar na lyra  
De flores enramada  
As meigas cordas, em que amor suspira,  
Nem por valente vôo arrebatada  
Tecer hymnos de gloria  
Aos filhos prediléctos da victoria,  
Nem por tardes formosas  
A' sombra descantar entre os vergéis  
Da natureza as scenas graciosas,  
Das solidões os magicos painéis.  
Ah ! não, que o genio, que te inspira agora,  
Por sobre as campas entre sombras mora.

Nem mirtos, nem rosaes bordão-te as sendas ;  
Hoje te obriga inexoravel sorte  
A vaguear por entre as mudas tendas  
    Dos arraiaes da morte.  
A cada instante lugubre ruido  
    De lapida, que tomba,  
A teus ouvidos tetrico ribomba,  
—Eterno, ultimo adeos de um ser querido.  
A cada passo um tumulo abalroas  
Nessa, que trilhas, senda luctuosa.  
Não mais canções, — só funebres coroas  
Cumpre-te hoje tecer com mão saudosa,  
E entre gemidos do sepulchro á borda  
Estalar do alaúde a extrema corda.

Despe os louros, ó musa, e do alaúde  
    Arranca a ultima flor,  
E vem commigo ao pé de um ataúde  
    Gemer threnos de dor.



Quem é, que nesse chão ali repousa  
A sombra de pacíficos trophéos,  
    Sob essa simples lousa,  
Sem pompa de soberbos mausoléos?...  
    Que nome tão saudoso

Este arvoredado funebre murmura?

Que écho doloroso

Do seio d'essa fria sepultura

Aos ouvidos me chega, e triste vibra

Do coração na mais sentida fibra?...

E' este de Farneze

O derradeiro, gelido aposento;

E bem que sobre as cinzas não lhe pese

Custoso bronze, ou marmore opulento,

Só esse nome vale um monumento.

Que grande coração, que alma tão nobre

Perdeu-se ali tão cedo!...

Quanta esperança morta ali se encobre

Debaixo d'esse funebre lagedo?.....

Quanto anhélo viril, que peito forte

Jaz esmagado pelos pés da morte!.....

Hoje a familia, a patria, a liberdade

Do illustre morto a inclita memoria

Pranteia com saudade

E aos confins da mais remota idade

Seu nome recommenda envolto em gloria

A larga testa de palor tingida

Era bem como lampada velada,

Em que a luz sagrada

Da intelligencia em torno diffundida

Sem offuscar fulgia derramando  
De sãs idéas o reflexo brando.

De nobre crença apostolo extremado  
Para guiar o povo entre as tormentas

O havia Deus fadado.

Do porvir pelas sendas nevoentas  
O verbo do progresso elle entrevia  
Nesta palavra so — Democracia.

Ninguem com mais denodo desfraldára

A flamula brilhante

Da bella causa, que lhe foi tão cara ;

Ninguem mais anhelante

Em liça entrou, e deu com proprio punho  
De sua fé mais amplo testemunho.

Era um athleta ; — desda verde idade

Luctando sem cessar em liça aberta

Nos sanctos arraies da liberdade

O vimos sempre alerta.

Era um athleta, um lidador valente

Esse, que ahi jaz dormindo eternamente.

Inda no primo albor da juventude

O austero moço via com tristeza

Nafragar da nação toda a virtude

No charco da baixeza ;

E embaída por perfidos afagos  
De um poder ominoso  
Da corrupção sorver a longos tragos  
O opio venenoso.

E o leão popular curvado ao solo  
Em perro humilde e vil se convertendo,  
De quem o esmaga, e lhe comprime o collo  
Submisso os pés lambendo.

E os pilotos do estado em fim de contas  
Do validismo a mesa embriagados  
A não já podre irem jogando ás tontas  
Por mares desastrados.

Via a patria em lethargo vergonhoso  
Adormecida á beira de um abysmo,  
E a conjurar lançou-se audacioso  
Tão feio cataclismo.

Dos filhos do progresso ei-lo na frente  
Contra o occulto inimigo se revolta,  
E ao perigo, que antolha-se eminente,  
Do alarma o grito solta.

Ei-lo, que se dedica generoso  
De nobre lucta ás escabrosas lidas;  
Brande da imprensa o facho luminoso  
Ante as turbas dormidas

Da indiferença na lethal modorra.  
Como réstea de luz, que o sol enfia  
Entre as grades de lugubre masmora,  
Da phrase sua o ardor e a valentia  
Do povo ao coração levou a crença,  
E os gelos derreteu da indiferença.

Audáz empunha o cálamo de ferro,  
E com pujante phrase  
Affronta a corrupção, fulmina o erro,  
E ataca pela base  
Da autocracia o velho baluarte,  
Que, em mal! — inda vigora em tanta parte.

Por seu talento masculino movida  
A pluma se converte em ferrea clava,  
Que o servilismo e a corrupção trucidada,  
E a sepultura ao despotismo cava.

Da intelligencia na sublime arena  
Muito elle pelejou;  
E no torpe convicio a nobre penna  
Jamais, jamais manchou.

Curto na vida foi o estadiõ seu;  
O astro refulgente,  
Quando luz dardejava mais ardente,  
Ao tocar no zenith se esvaeceu.

Foi curto o estadio, que correu na vida ;  
Foi apenas esplendida manhã,  
Em prol da patria rapido volvida  
Em glorioso affan.

Agora á sombra de incruentos louros  
Tranquillo elle repousa ;  
Seu nome inscripto n'essa simples lousa  
O recommenda aos seculos vindouros,  
Emquanto n'ella a patria e a liberdade  
Vertem gemendo o pranto da saudade.

Descança pois, amigo ; assás lidaste ;  
A vida foi-te só lucta e provança ;  
Nem um só passo deste sem contraste ;  
Amigo meu, descança.

Perdoa, se o teu somno sempiterno  
Eu vim turbar no funebre jazigo....  
Meu pranto acceita de pezar eterno,  
E adeus, querido amigo !.....





## AURELIANO LESSA

*Versos escriptos no Album de meu amigo João  
Raimundo Duarte juncto a uma Paisagem da  
Diamantina.*

Ei-los, os bellos, encantados sitios,  
O céu puro e risonho,  
Que o virão nascer, e que o embalarão  
Em seu primeiro sonho.

Forão estes os campos, que na infancia  
Os olhos lhe enlevarão ;  
Estes os céos, que os vividos fulgores  
Na mente lhe entornarão.

Aqui nutrio a phantasia ardente  
De imagens fulgurantes  
Ao murmúrio do correjo, que rola  
Rubins e diamantes.

Entre rolos de nuvens refulgentes,  
Deslizar eu a vi meio envolvida  
N'um véo subtil de nevoas transparentes.

Na aspera avenida,  
Có a fronte circumdada de esplendores  
Não parecia andar, porem sustida  
Sobre coxim de lucidos vapores  
Parecia ir de leve resvalando

Nas bravas penedias,  
Os arrojados pincaros galgando.  
Na dextra ella sustinha a doce lyra,  
Por quem o écho d'estas serranias  
Lembrando as glorias dos antigos dias  
Inda hoje em vão suspira.

Da bronca serra na empinada crista,  
Visinha a região das tempestades,  
Tendo a seos pés quasi a perder de vista  
Montanhos, rios, selvas e cidades,

Sobre a grimpa altaneira  
Alçou-se a nympha ao mundo sobranceira;  
E'em torno do vastissimo horisonte  
Pairando um triste e derradeiro olhar  
Trava da lyra, e assim la do Itamonte  
Começa de cantar ;



« Adeos, montanha minha, adeos, ó fonte,  
Que eu tanto tenho amado ;  
Von deixar-vos ;... mas levo de saudades  
O peito, repassado. »

« Fui rainha dos montes da Harmonia ;  
Brindei com lyras de ouro  
Poétas immortaes, e em nobres frontes  
Cingi sagrado louro. »

« Mas já se forão tão formosos dias,  
E hoje de saudade  
Suspiro em vão pelas brilhantes glorias  
De tão feliz idade. »

« Meus viçosos vergeis emmurhecerao,  
Não tem folhas, nem flores ;  
Ai de mim! não me resta um só abrigo  
Do sol contra os rigores ! »

« Estes echos, que outróra repetião  
Meus cantos maviosos,  
Não me ouvem mais, e nas sombrias grutas  
Dormem silenciosos. »

« Crescem espinhos e bravios matos  
Na gruta deleitosa,  
Onde outróra morei ; dentro se aninha  
Serpente venenosa. »

« E tu, o clara fonte, que golfavas  
    Sonora entre os penedos,  
E meiga a meus ouvidos murmuravas  
    Melodicos segredos. »

« Hoje turva, rolando lodo immundo,  
    Na voragem sombria  
Não reflectes o céu no azul regaço,  
    Não tens mais harmonia. »

« A garça não vem mais as niveas plumas  
    Banhar em teu licor,  
Nem se ouve o sabiá aos teus murmurios  
    Casar hymnos de amor. »

« Não tem azas a musa ;— a lyra e o louro.  
    Jazem de pó cobertos,  
Vãos emblemas de um tumulo esquecido  
    Em meio dos desertos (1) »

« O canto do inspirado em vão soára  
    Entre as turbas deseridas ;  
Em vão; no somno vil da indifferença  
    As acha adormecidas. »

---

(1) Esta poesia, que o author julgava perdida, é muito anterior ao— *Diluvio de papel*,— onde se acha reproduzida esta mesma estrophe, que o author conservava de memoria.

« Passára, como a brisa, que nas selvas  
Sem rumores soprou  
Entre despidos troncos, cuja coma  
O incendio devorou. »

« Respirão por ahi corruptas auras  
De ambição e avareza,  
E os monotonos dias conta o vulgo  
Immerso em vil tristeza. »

« Silencio pois, o musa ; não profanes  
Da lyra o dom sagrado ;  
Deixa este monte, que empestado sopra  
O tem contaminado. »

« Adeos, montanha minha, adeos, ó fonte,  
Que eu tanto tenho amado ;  
Eu vos deixo, mas levo de saudades  
O peito repassado. »

« Eu parto, mas emquanto este penedo  
Aqui erguer a fronte,  
Ha-de soar nas cordas d'esta lyra  
O nome do Itamonte. »



Cessou seu canto a virgem da montanha,  
E o écho entristecido,  
Que das visinhas grutas a escutava,  
D'aquelle adeos sentido  
As derradeiras notas murmurava.  
Eis pressuroso pelos ares rompe  
De ouro e de nacar plaustro primoroso,  
Que na lucida esphera vem tirando  
Um de alvissimos cisnes par formoso.

Em torno d'ella o adejo serenando  
Ao som de suavissimos gorgeios  
O ethereo carro um circulo descreve,  
E em vortice abatendo os seus rodeios  
Aos pés da nympha vem pousas de leve.  
Sobre a concha mimosa  
Ella em leito de flores se reclina ;  
Fulge-lhe a fronte immersa em luz divina  
Tão pura e tão formosa,  
Que se não fosse então do occaso a hora,  
Cuidáreis ver no monte a linda aurora.

Em timidos queixumes  
Dizem-lhe adeos as fontes suspirosas ;  
Vertendo mil perfumes  
Brandas auras em torno lhe perpassão  
Brincando holiçosas  
Co'as lusidias tranças, que esvoação.

E ella olhos saudosos,  
Em que o pranto os fulgores desmaiava,  
Pela suprema vêz triste pousava  
Pelos ceruleos topez alterosos  
D'esses montes, que as doces melodias  
Tinhão-lhe ouvido em mais ditosos dias.

Em manso adejo os paramos varando  
Da solidão dos ares,  
Batem azas os cisnes gorgeando  
Dulcisonos cantares,  
E longe, longe, no horisonte infindo  
Engolfados no azul se vão sumindo.





# ADEUS

DA

## MUSA DO ITAMONTE

.... Lá, onde levantado  
Gigante, a quem tocára  
Por decreto fatal de Jove irado  
A parte extrema e rara  
D'esta inculta região Itamonte,  
Parto da terra transformado em monte.  
CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

Eu a vi, n'esse dia, em que na lyra  
Vibrou tristes endeixas,  
E da montanha aos échos consternados  
Mandou sentidas queixas.

Eu vi a gentil filha do Itamonte ;  
Foi n'uma tarde esplendida e formosa ;  
N'essa hora deleitosa  
Já o sol se escondendo no horizonte

Ahi tambem, depois de longamente  
Peregrinar no mundo,  
Sentio cansaço e tédio da existencia,  
E desprazer profundo.

E ainda no verdor dos bellos annos  
O meu saudoso amigo  
Sorrindo de desdem foi reclinar-se  
No funebre jazigo.



Seu genio era tão limpido e brilhante  
Bem como o diamante  
De seu paiz natal ;  
Impetuoso como a cataracta,  
Que tomba e se desata  
Pelo profundo val.

Da patria sua as fontes e os rochedos  
Melodicos segredos  
Nos labios lhe infiltrarão ;  
E as fadas dos arroios diamantinos  
Mil delicados hymnos  
Sorrindo lhe ensinarão.

A negra, pertináz melancolia  
Longe de si bania  
Tangendo a doce lyra ;  
Se algum pesar o seio lhe roçava,  
As asas lhe queimava  
Da inspiração na pyra.

Mas nem somente a musa galhofeira  
Alegre e prasenteira  
Vinha inspirar-lhe o canto.  
Ah ! quantas vezes, quantas, sobre a lyra  
O bardo não sentira  
Correr acerbo pranto.

Outras vezes rasgando ethereos véos  
O arrebatava aos céos  
Valente inspiração.  
Então não era mais simples poeta ;  
Fallava qual profeta  
A' Deos e á criação.

Sua bella alma nunca vi vasia  
De amor, de poesia,  
De altivos sentimentos  
Se alguma dor por dentro o flagellava,  
Para si só guardava  
As penas e os tormentos.

Rindo e cantando perpassou de leve  
Da vida espaço breve  
Luzente meteóro.

Rindo e cantando foi para o jazigo  
O tão saudoso amigo,  
Por quem té hoje choro.



A

## BERNARDO GUIMARÃES

« Triste poeta, que sinistra idéa  
« Pende-te assim a fronte empalecida? »  
(*Cantos da Solidão*).

Ergue, poeta, a fronte scismadora,  
Desprende a vista alem dos horisontes!  
Aguia real nas azas te abalances  
Alem das serras, das alpestres fragas,  
E embebido nas liquidas alturas  
Sagra essa fronte na harmonia eterna  
    Dos mundos ignotos !

E quando, apenas, revelaste as turbas  
Os mysterios sublimes de alem-mundo,  
Que segredo cruel, ouvido á mêdo,  
Enlangueceu-te a fronte consagrada  
    Aos fogos do Sinay ?

E entretanto, que súbitos prodígios,  
Que oceanos de luz, e de harmonia  
Dormem-te ainda n'harpa esbambeaba,  
Como no seio do profundo espaço  
Os orbes invisíveis !

Quando a tarde nas veigas suspirosas  
Descia o manto das serenas sombras,  
E a viração brincando entre arvoredos  
Com somnolentas azas se enredava  
Em tua frente revolta,

Quando a tristeza em mysticos vapôres  
Do céu descia a te entornar na lyra  
Em doce accento a divinal canção,  
Era então que em tua frente lisa e calma  
Reflectião-se as chammas do infinito,  
Bem como no oceano adormecido  
As luzes das espheras !

Cantavas... por tua voz adormecida  
Minh'alma se embalava entre perfumes,  
Boiando pelo espaço em doce olvido :  
Como um batel cingrando á velas cheias  
Via minhas tristes horas se escoando  
Em ondas de harmonia.

Tu te embebias nas caladas sombras ;  
E no silencio magestoso e virgem  
    Das selvas seculares  
Despertavas as vozes d'esses echos  
Nas penedias brancas adormidos.  
A' tua voz a cupola virente  
Do tronco annoso em amoroso enleio  
Mais grata sombra, e carinhoso abrigo  
    Em tua fronte vertia.  
    E o genio das florestas  
Na sonora voz da solidão  
Envolto no seu manto dos mysterios,  
Voava pelas sombras suspirando  
Brandos desmaios, frouxos alaridos.

Passando ao longe os zephiros brincões  
Pelas algas rasteiras se enredavão.  
A fonte segredava entre seixinhos:  
E toda essa harmonia, esses mysterios  
De tua lyra immortal nas cordas d'ouro  
    Poeta, suspiravão.

Como um propheta em biblicas cidades,  
Da solidão no placido remanço,  
Entraste pelas brenhas soluçando.  
Doridos sons nas cordas disferindo,  
De lagrima orvalhaste a campa humilde  
    Do indio foragido.

Ao teu passar as campas se entreabrião,  
E os leves manes te adejando em torno  
Vinhão beijar a fimbria do teu manto.

Tú eras o Messias, o esperado,  
Entre as larvas do limbo esvoaçando,  
Fallaz consolação deixando ao menos  
As sombras infelizes

Ergue, poeta, a fronte scismadora !  
Tu tens por corôa o vasto firmamento,  
São teu dominio as longas serranias  
O mar lambe teus pés.

E entretanto a natureza é a mesma !  
A manhã se afoga entre perfumes,  
A tarde entre vapores,  
Suspira o sabiá nos ermos prados,  
Em céu de anil a lua se deslisa....  
Ergue, poeta, a fronte scismadora !

Cedo, bem cedo ennuviou-te a fronte  
Um sombrio pensar — e a linda aurora  
De teus dias preságos se encobrio  
Nas sombras do crepusculo.  
Então passaste envolto no teu manto,  
E nem a estrella, esse sorrir da noite,

Com peregrino raio te afagando,  
Te ungingo o peito em languidos amores  
    Arrancou-te um suspiro!  
Ai! d'essa fronte que orvalhou-se um dia  
Nas lagrimas de Deos, ai! da infeliz  
Que na chama aziaga se illumina!

As saudades dos mundos invisiveis  
Dos idéaes poemas, que sussurrão  
    Nas corhéas dos anjos,  
Vão manso e manso despertando n'alma  
    A lembrança do empyreo,  
E como tenro arbusto transplantado  
Em terra ingrata, emmarellece e morre.

Buscavas sobre a mesa dos estudos  
De inconsutil verdade o molde eterno:  
Quando a vigilia palejou-te a fronte  
Interrogaste a natureza toda,  
Nos abysmos da duvida reclinado,  
E ouviste ao longe o brado pavoroso  
    A de dizer: *duvida!*  
Foi-te a sciencia a sombra, que deslisa-se,  
Dubia visão, que os olhos illumina,  
Sylpho medonho a vaguear no limbo.

Com a fronte austera desdobrada ao riso,  
Vem connosco assentar-te em torno a mesa  
Do vinho e dos amores.

Emquanto andamos nos desertos páramos,  
Bem como o viandante extraviado,  
Suavisemos as dores do desterro  
Abrindo o seio aos canticos e ás flores.

PEDRO FERNANDES.

(1868).



# A POESIA

*Resposta a Pedro Fernandes.*

Ce n'est plus la main du barde même,  
qu'on entend sur la harpe; c'est ce frémis-  
sément des cordes produit par le toucher  
d'une ombre. (CHATEAUBRIAND.)

## I

Contão, que o albátros, ave peregrina,  
Equilibrada nas possantes azas,  
Em sidereos adejos desperece  
Na profundez dos paramos ethereos,  
E dias passa, e noites em repouso  
Solitaria dormindo sobre as nuvens.

Assim pairando andava em outros tempos  
Por outros mundos minha mente errante,  
Qual abelha entre flores volteando,

De orbe em orbe vagueando incerta,  
Colhendo pelo espaço as vagas notas  
Do hymno immenso, que o universo entoa  
E d'elles repetindo sobre a lyra  
Em debeis echos palido transumpto.

Poeta, os sonhos meus se esvaecerão  
Co'as roseas nevoas da manhã da vida ;  
Lá me ficou entre os vergéis floridos  
Da fresca juventude a lyra de oiro,  
Que eu afinava ao som de eolias notas  
Da mata entre os rumores, e ao marulho  
Da fonte soluçosa, que borbota  
D'entre penedos em musgosa gruta,  
No doce enlevo de um cismar infindo.  
Fulge-me ao longe essa formosa quadra  
Do passado nas brumas quasi occulta,  
Bem como ilha encantada, onde algum tempo  
Entre cantos e aromas embalei-me  
Em molle berço de verdura e flores.  
Mas ei-la, que entre as vagas azuladas  
No doirado horisonte vae sumindo,  
Como a dizer-me o derradeiro adeos,  
Emquanto o meu batel,—misero esquite  
Já de longos erros fatigado,—  
Aos tufões do destino abandonando  
As estragadas velas triste singra  
Para as praias do occaso, onde só vejo

Bruxuleando lividos fulgores  
De agoureiro presagio entre as geleiras  
De merencorio inverno.

Ah! quem me dera  
Agora reviver-te, ó quadra amena !....  
Quem me dera poder n'este momento  
Revocar-vos das sombras do passado,  
Extases puros, ineffaveis sonhos,  
Que a mente outrora ao céo me arrebataveis,  
De ideaes emoções toda offegante,  
Pelas do espaço solidões infindas !  
Então sim, eu pudéra acompanhar-te  
Em teus valentes, arrojados vãos,  
E varando de novo a immensidade  
Ir devassar harmonicos segredos,  
Fulgurantes visões de ignotos mundos.  
Então da lyra as cordas afinando  
Da solidão aos misticos rumores  
De novo a vóz dos echos accordára  
Na bronca penedia adormecidos,  
E um canto ainda, embora fosse apenas  
Descorada lembrança de outras eras,  
Unira aos hymnos teus, cantor suave,  
Que ao som cadente de gentis endeixas  
Encantas hoje as margens deleitosas  
Do opulento, caudal Jequitinhonha,  
Margens felizes, que inda com saudades

Repetem hoje os magicos accentos  
De dous queridos filhos da Harmonia,  
De Lessa e de Queiroga. (1) Ah ! que bem cedo  
Elles se forão para alem voando  
Os dous illustres sonorosos cisnes ;  
A' muito no horisonte se sumirão,  
E ainda freme o ar aos sons vibrados  
Por essas lyras de immortal renome.

Segue-os agora tu com vôo ardido  
No esteiro glorioso ; expande as azas,  
Cisne novel, ao furacão ardente  
De audáz inspiração, que te arreбата ;  
Engolfa-te no azul do firmamento  
Por abysmos de luz e de harmonia,  
E da poesia nas divinas fontes  
Affoito voa a saciar tua alma  
De luz, de amor, de extase. Contempla  
De nossa terra, as solidões formosas...  
Que esplendidos painéis!... ah quanta vida,  
Quanta harmonia e cor, luz e belleza  
Tu não vês derramada pela face  
Dos infindos sertões!— As fundas selvas,  
De estranhos rumorejos povoadas,  
Essas montanhas, que dos crespos tergos

---

(1) Aureliano José Lessa e Antonio Augusto de Queiroga.

Em catadupas pelo valle entornão  
Caudaes ribeiros, que no leito rolão  
Rubins, saphiras, ouro e diamantes,  
Essas collinas e tranquillos valles,  
Essas profundas sombras, grutas, veigas,  
Solitarios palacios do silencio,  
Que misterios de ignota melodia  
Não guardão para a mente do inspirado,  
Que os interroga por serenas tardes,  
Entregue a fronte aos tepidos bafejos  
Da inspiradora viração dos ermos.

Canta, ó poeta.— Os horisontes d'ouro  
Verter-te-hão na mente os seus fulgores;  
Do manso arroio o timido murmúrio  
Virá gemer nas cordas de tua harpa;  
E a viração macia, que esvoaça  
Beijando as flores na virente encosta  
Te ensinará seus fremitos suaves  
Para cantar as festas e os amores,  
As meigas tardes, e as manhãs formosas.  
O furacão, que ruge fustigando  
De selva intonsa a grenha arripiada,  
A cataracta, que entre penhas ronca  
Das solidões atordoando os échos,  
E da borrasca o temeroso estrondo  
Dos elementos concitando as furias,  
A vóz te prestarão solemne e forte,

E as sombras carregadas, com que pintes  
A magestade, as scenas grandiosas,  
O bronco aspecto, as convulsões medouhas,  
Da virgem natureza americana,  
Que no deserto as iras apregoão  
Do Rei da criação. Canta, ó poeta,  
A natureza, e as solidões formosas  
D'esta querida abençoada patria.  
E' la, que a inspiração nos arrebatá  
Nas diaphanas azas fulgurantes,  
Como o carro de fogo de propheta,  
Nos fazendo esquecer no pó da terra  
Dos cuidados da vida o manto incommodo,  
E nos arrouba á transcendente esphera,  
Onde resoão divínaes concertos  
De nunca ouvidos, ineffaveis cantos.  
Canta, que eu já na lyra esbambeada  
Mal passo recordar uns frouxos échos  
D'essas modulações, que ouviste outrora.  
Da phantazia as azas engelhadas  
No mal sustido adejo já não ousão  
Qual transparente nuvem luminosa  
Do horisonte os matizes reflectindo  
Abalançar-se ás regiões ethereas,  
E qual rasteira nevoa apenas pode  
Pelas sombras do valle espreguiçar-se.

II

Morre o poeta, a lyra se espedaça  
De encontro á pedra da funerea lousa ;  
Mas não morre a poesia ; eterna phenix  
Cada vez mais louçã se reanima  
Do cisnes seus nos perennaes gorgeios ;  
De evo em evo novas galas veste,  
De estranhas, novas flores se atavia,  
E novas cordas ajuntando a lyra  
De dia em dia mais caudaes entorna  
Torrentes de mirifica harmonia.

Sim, tu és immortal, virgem celeste,  
Sancta e nobre poesia !... Embora o carro,  
Em que a mão da sciencia atréla e doma  
Da natureza as mais pujantes forças,  
A' conquista voando audacioso  
De bens terrenos, que a materia outorga,  
Ao fragor do rodar vertiginoso  
Busque abafar-te o sonoro canto :  
Embora o fumo da fornalha ardente,  
Em que o progresso em afanosa lida  
Industriaes prodigios elabora,  
Tente cobrir de véos caliginosos

O teu rosado, esplendido horisonte :  
Embora tristes agoureiras vozes  
Clamem, que está já findo o teu reinado,  
E que a historia dos tempos, que ora correm  
Sob o imperio do calculo impassivel  
Só da fria sciencia a mão severa  
Pode escreve-la em laminas de ferro,  
Não, tu não morrerás, virgem celeste.

Emquanto sobre a terra a branda aragem  
Ondear á selva a sussurrante coma ;  
Emquanto os prados desbrocharem flores  
Da primavera ao tepido bafejo ;  
E o manso arroio ás arvores frondentes  
Da preſca riba murmurar queixumes ;  
E pelo azul da cupola celeste  
Milhões de estrellas tremulas fulgirem ;  
Emquanto o astro palido das noites  
Mavioso clarão enviar á terra,  
E a rosea aurora de seu coche d'ouro  
Nos caminhos do sol entornar flores :  
Emquanto o peito humano sobre a terra  
Ao fogo se aquecer de emoções puras,  
De amor, de fé, de sanctas esperanças ;  
Emquanto em cismas de ideaes affectos  
Embalar-se enlevada a phantazia ;  
Emquanto um meigo, encantador sorriso  
Brincar nos roseos labios da belleza ;

E do pezar as lagrimas doridas  
Não se esgotarem nos humanos olhos,  
Não, tu não morrerás, virgem celeste.

A lyra eolia ao perpassar das auras  
Por força ha-de gemer sons maviosos ;  
E a cassoula, a que a mão do artiste sancto  
Tocou fogo do altar, aos céos o incenso  
Ha de enviar em nuvens redolentes.

A alma do poeta é lyra eolia,  
Que no centro do harmonico universo  
Oscilla ao sopro de celestes auras ;  
Quando da inspiração o bafo ardente  
Lhe vem roçar em fremitos sonoros,  
Espontanea derrama sons sublimes  
E a turba absorta aos magicos accordes  
Attento ouvido fascinada inclina.

E o coração do bardo é a cassoula  
De fragrantessencias saturada ;  
Cae-lhe no seio divinal scintella,  
E d'ella se erguem misticos aromas  
De amor, de fé, de ardente enthusiasmo.

Tudo no mundo cisma, geme ou canta ;  
Tudo em cadencia harmonica se move,  
Desd'os orbes, que em torno ao rei das luzes  
Em giro perennal tecem choréas,  
Té o dourado, pequenino insecto,  
Que em viçosos vergeis voa zumbindo,

E o seio beija ás orvalhadas flores ;  
Desd'o oceano, que de polo a polo  
Em vagalhões bramindo se arremessa,  
Té o regato humilde, que nas grotas  
Por entre sombras trepido se esquivava.  
Tudo no mundo é vóz, canto, harmonia,  
E a natureza inteira é um poema  
Por Deos escripto em paginas eternas,  
Que estão narrando seu poder immenso.  
Sim, tu és immortal, virgem celeste.  
Só quando os orbes todos desabando  
Desgarrados das orbitas vagarem  
Se abalroando pelo horror do espaço ;  
Só quando a natureza agonizante  
Nutando em fim nas contorsões medonhas  
De universal, tremendo catéclismo  
Sumir-se anniquilada em treva eterna,  
E quando o mudo, pavoroso cahos  
Sentado entre as ruinas do universo  
Vier de novo reclamar seu sceptro,  
Então somente cessarão teus cantos,  
E desaparecendo entre os escombros  
Dos derruidos mundos, que já forão,  
Remontarás alem dos firmamentos  
Tua origem divina procurando,  
E ao pé dos tabernaculos do Eterno  
Irás achar nunca turbado asylo

Por entre os chóros dos celestes bardos,  
Que pelos atrios da eternal Solyma  
De Deos a gloria sem cessar proclamação.

III.

Canta, ó poeta, emquanto a sacra chamma  
Te aquece o coração, te alenta os vôos.  
E' de manhã, que os passarinhos cantão  
Seus mais frescos, harmonicos gorgeios.  
A'tarde geme o sabiá saudoso  
No tope excelso de virente cedro ;  
A'noite só ulula em sons carpidos  
Entre ruinas agoureiro mocho.

Canta, antes que o inverno congelado  
Na urna de teu peito extinga a chama,  
Que fáz subir aos céos o incenso d'alma,  
E da vida nos algidos caminhos  
Venha murchar da phantazia as flores.

Canta; bem vindo seja esse teu canto,  
Que em minha alma accordando echos de outrora  
Abre meu seio aos canticos e ás flores.



## ESTROPHES

*Dedicadas á Brigada mineira que partio de Ouro-  
Preto em 1864 sob o commando do Brigadeiro  
Galvão.*

Mineiros, um feróz aventureiro,  
    Que o inferno vomitou,  
Do bello territorio brasileiro  
    Transpor a raia ousou,  
Fingindo em sangue, e sepultando em ruinas  
Nossas viçosas, placidas campinas.

Do alto Paraguay nas ermas bordas  
    Um regulo insensato  
Envia a esmo esfarrapadas hordas  
    De povo rude e ingrato,  
Que não combate não, mas assassina,  
E por devisa tem— Carnificina.—

Por la dos irmãos nossos indefezos  
O sangue corre em jorro ;  
Eia !... cumpre-nos ja em ira accezos  
Voar em seu soccorro ;  
De tamanha traição, tanta matança,  
Tomar inteira, asperrima vingança.

A patria afflicta vosso esforço implora,  
Valentes lidadores ;  
Eia, corramos !... vamos sem demora  
Livra-la dos horrores,  
Com que o assassinato, o roubo, o crime  
Nas fronteiras do Sul o imperio opprime,

E não é só a patria ; a humanidade,  
A terra, o céu reclama  
Vingança contra tanta iniquidade,  
E em grito se derrama  
Por toda parte — Guerra aos vis piratas !  
Guerra as cohortes barbaras, e ingratas !

Ide, heroicas, intrepidas phalanges,  
Colher da gloria os louros,  
E ao lampejo dos rabidos alfanges,  
Ao silvo dos pelouros  
As sanguinosas garras arrancai  
Ao tredo cangussú do Paraguay.

Sejão muitos embora ; são captivos  
De um despota sanhudo ;  
P'ra vós, de um livre imperio heroes altivos  
A liberdade é tudo.

De entre vos um punhado só de bravos  
Pode vencer cohortes mil de escr'avos.

Sobre o leão dormido o tigre astuto  
O bote preparava,  
E no nobre animal o altivo bruto  
Sanguentas unhas crava.  
Mas o leão accorda, e ao seu rugido  
O vil recua de pavor transido.

O Brazil accordou, que á guerra o chama  
O tigre paraguayo,  
E o brado seu ao longe se derrama  
Troando como o raio.  
Um echo só desd'o Oyapock ao Prata  
Responde —Guerra!.. guerra ao vil pirata !

Que exemplos de heroismo não vaes dando,  
Terra de Sancta Cruz!  
Ali a mãe o filho abençoando  
Entrega-lhe o arcabuz,  
E diz-lhe: — Vae, onde o dever te chama,  
Que o braço teu a mãe commum reclama.

O esposo amante arranca-se dos braços  
Da nova linda esposa,  
Que sequiosa de seguir-lhe os passos  
Dizer adeos não ousa.  
E partilhar querendo o seu destino  
No berço deixa o filho pequenino.

Alem honrado velho valoroso  
A longa idade esquece,  
E o sangue seu offerta generoso  
Á patria, que padece.  
Aqui imberbe moço impaciente  
Ser homem já deseja impaciente.

Alem um pae os filhos arrebanha  
Para a cruzada honrosa ;  
De tres irmãs ao campo os acompanha  
Phalange gloriosa,  
A compartilhar perigos e fadigas  
Em frente d'ps cohortes inimigas

Ei-lo !.. o garboso pavilhão querido  
De nossa independencia,  
Contra o qual mil affrontas tem cuspidio  
A estúpida insolencia  
Do misero caudilho desalmado  
Que á humanidade e a Deos tem ultrajado.

Ide, correi !.. em seu negro covil  
Os tigres rechassae,  
E a flamula auriverde do Brazil-  
Nos muros lhe hasteai,  
Ide, correi !.. cahi bem como o raio  
Sobre o vil, e insolente paraguayo.

Depois voltae travendo em vossa fronte  
Os louros da victoria,  
E contareis ás filhas do Itamonte  
A gloriosa historia  
Dos renhidos combates, que tivestes,  
Das heroicas proesas, que fizestes.

No Pantheon da gloria fulgurando  
Um nome então tereis,  
E a terna esposa e os filhos abraçando  
Por fim encontrareis  
Nos lares vossos paz e liberdade,  
E por todo o Brazil prosperidade.





*A Ex<sup>ma</sup> S<sup>ra</sup> D. Joanna Perpetua de Oliveira Santos.*

## MELODIA

### I

Era uma tarde linda, como ha poucas  
N'estas sombrias terras  
De nevoa eterna e ventanias roucas.  
Por cima d'essas serras  
Das auras ao sabor nuvens douradas  
Vogavão brandamente balouçadas.

Pelo pendor da serrania brava,  
Do monte pelos visos  
Da noite a precursora derramava  
Seus magicos sorrisos ;  
E pelo valle a viração macia  
Aroma e fresquidão a flux vertia.

Ardendo em luz no fundo do horizonte  
    Como acceza cratera,  
Flamejava ao titanico Itamonte  
    A catadura austera,  
Engolfando no azul da esphera limpa  
Entre fulgores a dourada grimpa.

E eu tentando erguer o pensamento  
    As solidões serenas  
    Do vasto firmamento  
Buscava allivio ao fel de acerbas penas  
A cujo peso a fronte amargurada  
Para o chão pendia acabrunhada.

Em vão que sobre a terra estava presa  
A mente afflicta e o coração pezado  
    De angustias e tristeza  
Do soffrimento ao poste estava atado,  
Qual Prometheo pregado a penedia  
Soffrendo eterna misera agonia.

Em vão a tarde desfolhando rosas  
    Sorria no horisonte,  
E murmuravão auras amorosas  
    A bafejar-me a fronte;  
Em vão aos olhos meus se desdobravão  
Do firmamento os lucidos caminhos.

Em vão, porque da terra entre espinhos  
Da phantasia as azas se entravavão,  
E da tristeza o carregado véo  
A minha alma roubava a luz do céu.

II.

Celestes veos purpureos  
Da tarde meiga e calma  
Dizia eu entre angustias  
No fundo de minha alma

Ó leves nuvens candidas  
Que esvoaçaes serenas,  
Dos paramos ethereos  
Celestes assucenas ;

Formozos clarões roseos,  
Que repousaes nos montes,  
Dourando aos calvos pincaros  
As altaneiras frontes ;

Suaves auras tepidas,  
Que as faces me affagaes,  
E halitos balsamicos  
Em torno me exhalais ;

E vós, sussurros mysticos  
De tremulo arvoredos,  
Rumôr de fonte limpida  
No concavo rochedo ;

Ó arreboés purpureos  
Que orlaes os céos brilhantes,  
Cingindo a curva abobada  
De farchas combinantes, ?

Às regiões angelicas  
Guiæ meu pensamento,  
Roubæ-me aos valles turdidos  
Do mundo lutulento

Da immensidão etherea  
Nos paramos serenos  
Deixai vogar minha alma  
Por um instante ao menos

Levæ-me a esphera limpida  
Do doce devaneio  
E paz suave e placida  
Vertei dentro em meu seio.

Da vida nas miserias  
Lançæ espesso véo,  
E meu cançado espirito,  
Chamae, chamae ao céu.

III.

E nem o ceo trajado de esplendores  
Abrindo o seio limpido e tranquillo  
    Mysterioso azylo.  
A quem soffre da vida os amargores,  
E nem da terra o mystico remanso.  
Mago silencio que interrompe apenas  
Sussurro da folhagem, que de manso  
Estremece ao passar de auras serenas ;  
Nem o vago murmurio intercadente  
    Que em fremitos sonoros  
Na voz dos echos morre docemente,  
Bem como notas de celestes chóros  
    Perdidas pelo espaço,  
    Ou prece maviosa,  
Que timida interrompe a cada passo  
Aos pés do altar a virgem lacrimosa, .  
    Nada, nada podia  
Arrancar meu espirito abatido  
    Da voragem sombria  
    Em que submergido  
Da dor o austero braço o comprimia.

Qual a fraca avesinha se debate  
Entre as malhas da rede, que a tortura  
E em vão as azas bate  
Erguer-se ao céu a triste em vão procura  
E quando mais forceja e se exaspera,  
Mais a infeliz se enlea e se lacera ;

Assim entre cuidados e amarguras  
Minha alma attribulada,  
Se afogava no fel das desventuras  
Da vida afadigada  
E em vão pedia ao céu um raio apenas  
De paz e de bonança,  
Que lhe ameigasse as mal soffridas penas,  
E lhe entreabrisse as flores da esperança.

Subito— quando já por sobre a terra  
Mais profunda mudez se derramava,—  
Ouço gemer harmonico teclado  
Em morbidos harpejos,  
Suave como arrulho enamorado  
De pombos entre beijos,—  
E uma voz de mulher,— que voz tão linda !..  
Celeste e maviosa  
A meus ouvidos estremece ainda !..  
Cantava uma canção triste e saudosa.

Brisa suave o adejo serenando  
Em torno diffundia  
As endeixas, que ao longe suspirando  
O echo redizia :

« Vem saudade doce amiga,  
« De minha infancia feliz,  
« Quero um pranto derramar  
« Sobre teu negro matiz.

« Vem recordar o passado,  
« De uma existencia querida  
« D'um novo mundo que tive  
« Quando gozei outra vida

« Saudade doce perfume,  
« De uma flor que já murchou  
« Vem reviver em minh'alma  
« O que fui e o que hoje sou.

Escutando essa vóz meiga e sonora  
Saudando a tarde em roseos véos  
Cuidarieis ouvir anjo que chora  
Com saudades do céu.

Então minha alma da prisão terrestre  
Rompeu sorrindo os enfadonhos laços,  
E nas azas de um extase celeste  
Perdeu-se nos espaços.

IV.

Ó divina melodia,  
És do universo magia,  
És alma da criação ;  
És a voz da natureza  
No prazer ou na tristeza  
És echo do coração.

És um efflúvio dos céos,  
Ou como um sopro de Deos,  
Que a terra vem afagar,  
O teu ineffavel canto  
Derrama suave encanto  
No céu, na terra e no mar.

Na vaga que mansa geme,  
E na folhagem que freme  
Aos beijos da viração ;  
No bramir da ventania  
Pela floresta bravia  
No seio da solidão ;

No perenne murmurio,  
Com que no grotão sombrio  
A fonte gemendo está ;  
Nas saudosas cantilenas

Com que por tardes serenas  
Se lamenta o sabiá ;

E nos gorgeios suaves,  
Que então canoras aves  
Pelas sombras do pomar,  
No marulho da torrente,  
Que despenhá-se fremente  
Entre pedras a brincar

Em tudo, que o mundo encerra,  
Nos céos, no mar e na terra  
Revelas o teu poder ;  
Com mil accents sublimes  
As harmonias exprimes  
Que creou o eterno Ser.

A tua voz enche o espaço,  
E nos mostra a cada passo  
O poder de teu condão ;  
Ó divina melodia,  
És do universo magia  
És alma da criação.

Porem és mais que em prodigio  
Quando exprimes teu prestígio  
Pela voz de uma mulher,  
E em toda sua grandeza  
Pelos labios da belleza  
Revelas o teu poder.

Do paraizo aos umbráes  
Com tuas mãos divináes  
Então nos corres o véo ;  
E entre perfumes e luzes  
A escutar nos conduzes  
As harmonias do céo.

Como da caçoula ardente  
Sobe o incenso recendente  
Pelo templo a se perder  
E entre mysticos cantares  
Vae pelos sanctos altares  
Pairando se esvaecer.

Tal por ti arrebatada  
Me voa a mente enlevada  
Pelo infinito a pairar ;  
E entre gozos ineffaveis  
Os mysterios adoraveis  
Vae do impyrieo devassar.

Quando na idade primeira  
Do nada Deos tirou Eva,  
Bafejou-a com amor,  
Pois queria fazer d'ella  
A creatura mais bella,  
Da natureza o primor.

Da côr de flores mimosas.  
Tingio-lhe as faces formosas  
Deo-lhe labios de carmim ;  
E nos olhos de luz pura  
De meiguice e de ternura  
Depoz thesouros sem fim.

Deo-lhe formas seductoras,  
E graças encantadoras  
No sorriso e no olhar ;  
Porque a mente de Deus  
A imagem dos anjos seus  
A quiz em tudo formar.

Deo-lhe tudo — mas ainda  
Para torna-la mais linda,  
Mais digna de adoração  
Deo-lhe uma vóz de sereia  
Uma vóz que encanta enleia,  
Que echôa no coração.

Ó divina melodia,  
Tu és do mundo magia,  
És do universo o prazer  
Se em toda sua grandeza  
Pelos labios da belleza  
Revelas o teu poder.

V

E ereis vós, senhora, que exhalaveis  
Esses trinos de magica doçura  
A cujos sons suaves, ineffaveis  
Fugio minha amargura,  
Como ao soprar a viração da aurora  
Se esconde a ave que nas campas chora.

E nesses sons celestes  
Não podieis saber, que doce calma,  
Que balsamo trouxeste  
Aos tristes soffrimentos de minh'alma.  
Não sabe a flôr que nasce em erma gruta  
Se alguém lhe aspira o mystico perfume  
Nem sabe o sabiá se alguém escuta  
No bosque os seus queixumes.

24 de Dezembro de 1870

FIM.







BIBLIOTHECA UNIVERSAL

Collecção in-8ª a 2\$000, 3\$000 e 4\$000 broch. Encadernado, 1\$000  
a mais por volume.

- Machado de Assis.**  
Contos fluminenses. 1 vol.  
Helena. 1 vol.  
Historias da Meia Noite. 1 v.  
Historias sem data. 1 vol.  
Memorias posthumas de Braz  
Cubas. 1 vol.  
Papeis avulsos. 1 vol.  
Resurreição. 1 vol.  
Americanas (poesias). 1 vol.  
Chrysalidas (poesias). 1 vol.  
Phalenas (poesias). 1 vol.  
Quincas Borba. 1 vol.  
Yâyá Garcia. 1 vol.  
Paginas Recollidas. 1 vol.  
Dom Casmurro. 1 vol.
- Magalhães (D. J. G. de)**  
Commentarios e Pensamentos  
1 vol.
- Martins Penna.**  
Comedias. 1 vol.
- Mello Moraes Filho (Dr A.S.).**  
Os Ciganos no Brazil. 1 vol.  
Mythos e Poemas. 1 vol.  
Cancioneiro dos ciganos. 1 vol.
- Medeiros e Albuquerque.**  
Mae Tapuia. 1 vol.
- Mendes Pinto (Fernão de).**  
Excerptos. 2 vol.
- Moreira de Azevedo.**  
Loureira de Mendonça. 1 vol.  
Criminosos celebres. 1 vol.  
Homens do passado. 1 vol.  
Curiosidades. 1 vol.  
Os Francezes no Rio de  
Janeiro. 1 vol.  
Mosaico brasileiro. 1 vol.
- Norberto de Souza Silva.**  
Brazileiras celebres. 1 vol.
- Oliveira (A. de).**  
Poesias. 1 vol.
- Pereira da Silva.**  
Aspasia. 1 vol.  
Gonzaga, poema. 1 vol.  
Jeronymo Côrte Real. 1 vol.  
Manoel de Moraes. 1 vol.  
Os Varões illustres. 2 vol.
- Rozendo Moniz.**  
Favos e Travos. 1 vol.  
Moniz Raretto. 1 vol.
- S. Carlos (Fr. F. de).**  
A Assumpção, poema. 1 vol.
- Sabino (Ignez).**  
Mulheres celebres. 1 vol.
- Seabra (Bruno).**  
Flores e fructos.
- Serra (Joaquim).**  
Quadros, poesias. 1 vol.
- Smiles (Samuel).**  
Ajuda-te. 1 vol.  
O character. 1 vol.  
O dever. 1 vol.  
Economia. 1 vol.  
A Vida e o Trabalho. 1 vol.  
Poder da vontade. 1 vol.
- Sylvio Romero.**  
Novos estudos de litteratura  
contemporanea. 1 vol.
- Taunay (Sylvio Dinarte).**  
Historias Brazileiras. 1 vol.  
Narrativas militares. 1 vol.  
Mocidade de Trajano. 2 vol.  
Ouro sobre azul. 1 vol.  
Manuscripto de uma mulher.  
1 vol.



Princeton University Library



32101 067180750



